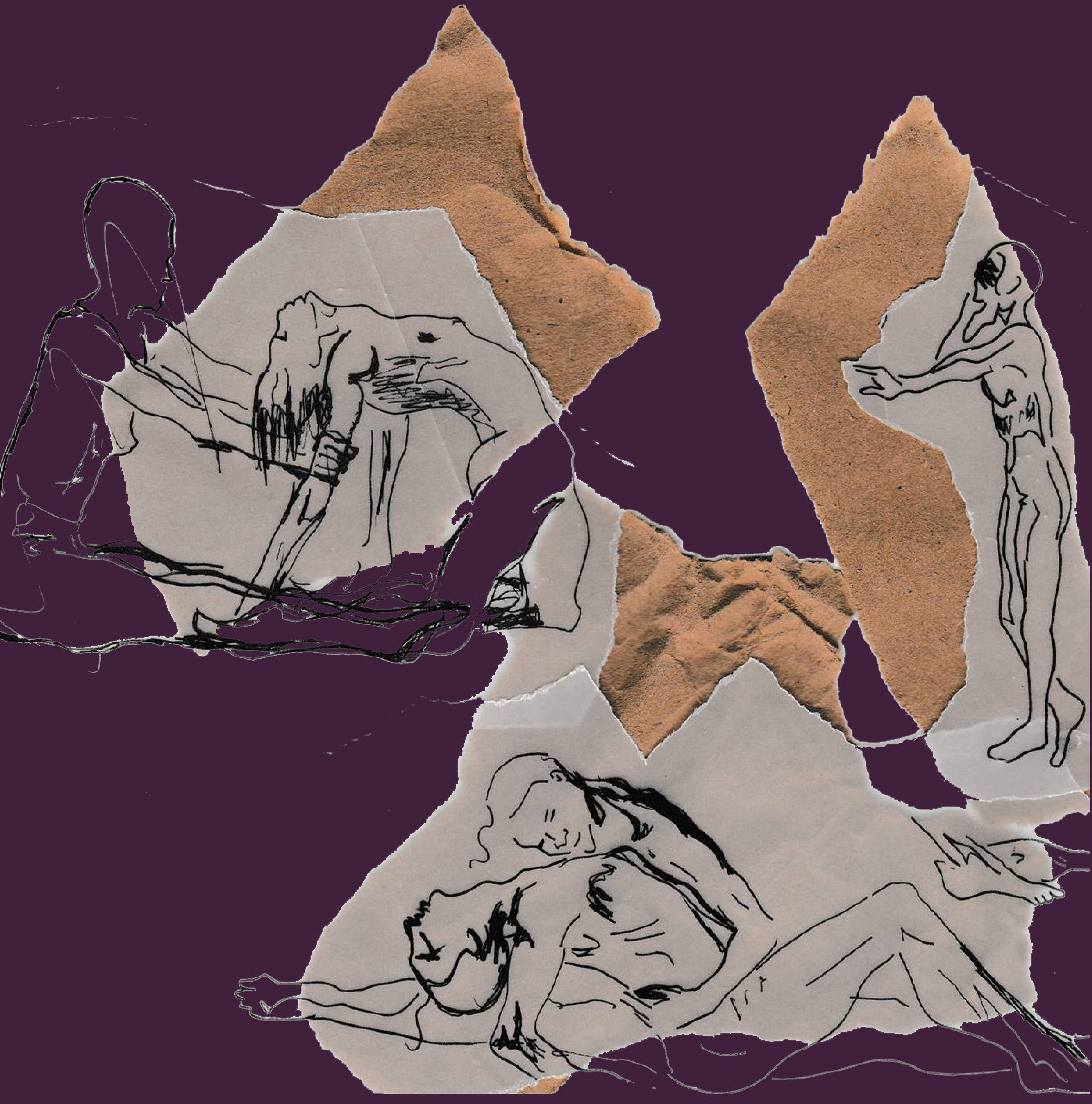
a extração dos dias

[poesia brasileira agora]



org. Gustavo Silveira Ribeiro

esca
man
dro.

a extração dos dias
[poesia brasileira agora]

a extração dos dias
[poesia brasileira agora]

Organização e textos GUSTAVO SILVEIRA RIBEIRO

esca
man
dro.

Organizador: Gustavo Silveira Ribeiro
Editores: Guilherme Gontijo Flores, Nina Rizzi e Sergio Maciel
Ilustração de capa: Bruna Mitrano
Projeto gráfico, diagramação e capa: Sergio Maciel

A extração dos dias [poesia brasileira agora] / organizado por Gustavo Silveira Ribeiro - Curitiba: Revista Escamandro. Outubro de 2017.

esca
man
dro.

www.escamandro.wordpress.com

Para Sergio, Nina e Guilherme

música mínima
rumor de dia claro

PR EF ÁC IO

música mínima
(como um prefácio)

O livro-eletrônico que aqui se apresenta é, na verdade, mais de um livro: algo como uma encruzilhada, partição dos caminhos possíveis que, como leitor, docente e crítico de poesia contemporânea vêm se apresentando diante dos meus olhos, diante dos meus pés. Não sendo agrimensor ou dono de terras (nem mesmo posso dizer, como outros o fazem, que possuo ou controlo a mim mesmo), ando por um espaço qualquer, por entre uma paisagem, sem necessariamente medi-la o tempo todo, sem almejar possui-la por completo ou deter dela a verdade, o significado último: atravesso o território vasto ou diminuto em que me foi dado estar – no qual tantas vezes desejei estar – a fim de compreendê-lo (isto é, tê-lo dentro de mim), de me surpreender, de sentir com o corpo e a inteligência aqueles acidentes, tonalidades e vazios.

Estar dentro da paisagem impede vê-la com excessiva distância, e esse ângulo parcial é tudo: ele sugere antes a experiência daquele lugar em que se está do que a síntese totalizadora dele – a cartografia, por exemplo – a sua transformação

em dado abstrato, linha uniforme e sem mistérios ou desacertos. E é assim, no meio do caminho e entranhado no ambiente que me cerca, fazendo parte dele de certo modo, é que gostaria de me colocar como organizador desta antologia de poesia brasileira do presente. Não vai aqui nenhuma tentativa de retrato completo da cena ou, muito menos, de um julgamento exaustivo e criterioso dos seus valores. A *extração dos dias* que se propõe se faz por subtração e afeto: para formar o *corpus* do livro procedi antes pelo corte: o grande número de poetas e poéticas de interesse no presente exigiam que a escolha se orientasse também, para além do prazer pessoal e da relação projetiva com os textos, pela exclusão inevitável de textos e autores. Algo como uma violência se instaura assim, não há outro modo: o gesto de *escolher excluindo* (para dizer com a imensa Wislawa Szymborska) é índice disso, além do fato de que, toda seleção, qualquer recorte, traz consigo uma violência fundadora, a criação – pela força do corte – de um sentido novo, de uma verdade que quer se afirmar. Reconheço o dado e não o lamento: o novo panorama que por ventura se possa colher aqui assume a sua energia disruptiva e a sua precariedade: como em qualquer corpo novo que se lança (ou é lançado) no mundo, força e fragilidade se misturam, o risco como o seu traço fundamental.

Por outro lado, procurei incluir, passear novamente por poemas e poetas que têm me mantido ocupado em sala de aula ou na observação algo militante que procuro fazer da produção contemporânea, buscando ler tudo o que é possível e tudo (ou quase tudo) o que me chega às mãos. O afeto, quase sempre, foi o critério fundamental. Antes de tudo, considerei os textos que me comovem ou perturbam, aqueles que mais facilmente recordo, que carrego comigo no oco do coração. Por mais que se trate de operação intelectual (além de, no meu caso, ser igualmente atividade profissional), a leitura de poesia é o espaço da operação afetiva, da mobilização intensa do que, entre o tecido do texto (que pode ser matéria escrita, vozeada, encenada) e a experiência do leitor, se dá como mistério e fascinação. É claro, esse não foi o único parâmetro adotado: muitas vezes procurei recolher um poema-chave para compreender um autor, ou para dar ênfase em certos aspectos de sua trajetória que, a mim, parecem significativos e dignos de nota.

Do mesmo modo, a composição de um quadro multifacetado de relações entre os poetas e poemas foi um dos objetivos velados desta antologia, na medida em que não se tratou apenas de apresentar um conjunto forte de textos, mas revelar, criar, oferecer possibilidades para que eles colidam, se entrelacem, continuem e refratem uns aos outros, desenhando novos significados possíveis para a cena e para o percurso individual de cada autor. Zonas de sentido muito diferentes entre si serviram como um ímã para atrair e ordenar os poemas: fricções e exposições do desejo; a persistência (vigorosa) da poesia de invenção;

os modos e formas da poema político; a tradição da poesia pensante entre nós, seu desdobramento em lira do delírio ou dobra sobre o mundo, fenomenologia renovada das coisas e do próprio poema. Tudo isso vai de mistura no livro, que procura construir-se como dois livros, conforme já antes dito: **Lado A** & **Lado B**, duas maneiras de compilar os textos e criar, por assim dizer, legibilidades diferentes, formas de passagem distintas pela poesia brasileira contemporânea. Em primeiro lugar, apresentar os muitos tempos que existem no presente: ao expor os poemas a partir do ano de nascimento de seus autores, gostaria de pensar como não é a idade dos poetas ou o pertencimento imaginado a uma certa geração aquilo que define, ou pode definir, o que quer que seja o contemporâneo, esse território incerto tão difícil de nomear com precisão. Na segunda parte da antologia, por sua vez, os poetas e poemas se misturam, assim como as poéticas e as temporalidades: a narrativa silenciosa que formam, ou não, as cesuras que são capazes (os poemas, as misturas) de impor, são os elementos que vão determinar a validade dessa proposta.

Alguns números: de início, eram 37 poetas, um para cada ano de vida que tenho (o que já procurava revelar o elemento incontornavelmente arbitrário de um recorte desse tipo). Não de todo satisfeito com a lista que se apresentava, resolvi propor um anexo amoroso, uma extensão afetiva e cronológica: incluí mais 4 autores, dando destaque para poetas que, já mais velhos e pertencendo, sem dúvida, a outros contextos criativos, têm a sua circulação reproposta a partir do trabalho de poetas, editores e críticos do presente, que os têm colocado em destaque novamente em reconhecimento à atualidade urgente de suas obras ou à ligação que mantém com o tempo do agora, do instante veloz e inapreensível no qual habitamos. Assim, são 41 nomes, 3 poemas de cada um, em seleção que privilegiou, com raras exceções, textos produzidos nos últimos 15 anos, fazendo do ano 2000 uma espécie de referência imaginária, metáfora messiânica que pouco ou nada explica aqui.

Música mínima do nosso tempo, ruído (às vezes estrondoso, insuportável, às vezes simples sussurro) que nunca deixa de ser ouvido, os poemas que aqui seguem deixam ver a potência e a diversidade de uma cena cheia de vida, complexa e contraditória como qualquer coisa que respira e se movimenta. Rumor de dia claro, proposição de um tempo outro (qualquer que seja ele, melhor do que a época sombria em que neste instante afundamos todos), esses poemas são (como o amor) memória e promessa, arquivo do presente e exploração, desde já, do que no futuro é desconhecimento e alegria possível.

Gustavo Silveira Ribeiro

A

LEONARDO FRÓES
(1941)

Introdução à arte das montanhas

Um animal passeia nas montanhas.
Arranha a cara nos espinhos do mato, perde o fôlego
mas não desiste de chegar ao ponto mais alto.
De tanto andar fazendo esforço se torna
um organismo em movimento reagindo a passadas,
e só. Não sente fome nem saudade nem sede,
confia apenas nos instintos que o destino conduz.
Puxado sempre para cima, o animal é um ímã,
numa escala de formiga, que as montanhas atraem.
Conhece alguma liberdade, quando chega ao cume.
Sente-se disperso entre as nuvens,
acha que reconheceu seus limites. Mas não sabe,
ainda, que agora tem de aprender a descer.

LU MENEZES
(1948)

Massa estelar

Após questão condominial envolvendo
— vizinhazinha — versão subjetiva
da estreiteza objetiva do encanamento predial,

atira-se exausta no sofá
e na TV
o Cosmo vem revelar
em seu brilhante semblante
sombria faceta algo familiar:

"estrelas da morte" — superstars
dotadas de buracos negros que as devoram
até a explosão fatal
com emissão de raios gama
num raio de não sei mais qual astronômica distância
esterilizando sua inteira vizinhança estelar

— Ora, se não somos mesmo
"feitos de massa estelar" — ela considera
— Ora, se nesta vida
contraída por solidão, medo, rotina,
mais e mais não se repete
a visita germicida do universo em expansão
quando em tal canal aporto apertando este botão

(Logo, plagas do sono
— multiforme nebulosa, vizinhança bem diversa
igualmente longe e perto —
acolhem com sonhos opacos o seu eterno regresso)

PAULO HENRIQUES BRITTO (1951)

Pós

Antes era mais fácil – sim, porque era
mais difícil, havia mais em jogo,
e o tempo todo se jogava a vera.
Precisamente: mais difícil, logo

mais fácil. Porque sempre se sabia
de que lado se estava – havia lados,
então. E a certeza de que algum dia
tudo teria um significado.

E nós seríamos os responsáveis
por dar nomes aos bois. Havia bois
a nomear, então. Coisas palpáveis.
Tudo teria solução depois.

Chegou o tempo depois? Digamos
que sim. E no entanto os nomes dados
não foram, nem um só, os que sonhamos.
Talvez porque sonhássemos errado,

talvez porque, enquanto alguns se davam
ao luxo de sonhar, outros insones,
imunes, implacáveis, se entregavam
à tarefa prosaica de dar nomes

sem antes os sonhar. E, dia feito,
agora tudo é fácil. E por isso
difícil. Não, a coisa não tem jeito.
Nem nunca teve, aliás. Desde o início.

GUILHERME ZARVOS
(1957)

Thereza

Visito minha mãe no Jardim Botânico
Faz 2 anos que ela morreu
Parece que faz uma vida
Tenho tanta saudade
Das conversas
Do uisquinho, até do barulho nervoso do gelo
O excesso de uísque ajudou a matá-la
Pena que os excessos matem
Já conheci quem morreu de amor
De excesso e falta

A árvore que eu e minha irmã escolhemos para depositar suas
Cinzas não tem nada de especial
É uma Tiliaceae da Malásia
Ela me parece velha
Foi um descuido espalhar as cinzas numa
Árvore que pode tombar logo
Mesmo antes da minha morte
Me parece um canto agradável
Ela deve estar contente no céu
Estou aqui na terra

Depositar cinzas de cremação no Jardim Botânico
É proibido. Tirar fotos de casamento pode
Imagino se todos depositassem seus mortos no
Jardim Botânico assemelharia-se ao Ganges, na Índia
Depois de por fogo no morto, com a presença da
Família, com um pedaço de pau dilacera-se os
Ossos e o crânio que são muito resistentes ao
Fogo. Tudo é calmo e sagrado. As cinzas vão para o rio

Minha mãe não sofreu muito ao morrer
Eu e minha irmã ficamos contidos. Nossa família é
Assim. Fatalista. Já me falaram que é um resquício
Aristocrático. Sempre nos orgulhamos da
República. Em volta da Tiliceae nasceram cogumelos
Cada vez que visito minha mãe tem novidade
Em volta da árvore. Minha mãe está sempre
Presente e o chão sempre apresenta surpresas
Os cogumelos formam um ajuntamento como uma ninhada
Do meio salta uma flor. É da raça das Therezas.

JOSELY VIANNA BAPTISTA
(1957)

Imagens do mundo flutuante

Rivus

A água mede o tempo em reflexos vítreos. Mudez
de clepsidras, no sobrecéu ascendem
            (como anjos suspensos
numa casa barroca), e em presença de ausências o tempo
se distende. Uns seios de perfil, sono embalando
a rede, campânula encurvada pelas águas da chuva.

No horizonte invisível, dobras de anamorfoses;
sombras que se insinuam, a matéria mental.

AGE DE CARVALHO
(1958)

Eu, intimo-me
a reconhecer-

(em ti, contigo
em viagem – nós,
dois faróis na estrada
farejando a escuridão luxuosa,
abolido tempoespaço
à visão da grande nebulosa:
tu, era eu-todo-estrelado,
o céu, espelho)

-me em
mim-mesmo.

RICARDO ALEIXO
(1960)

O Poemanto
ensaio para escrever (com) o corpo

1
Sou, quando coloco sobre
meu corpo (negro)
o pedaço de pano (preto)
coberto por palavras grafadas
com tinta (branca)
ao qual dei o nome
de poemanto,
um performador.

2
Movendo-me ali,
na exiguidade espacial
das efêmeras formas escultóricas
produzidas pelas corpografias
que improviso,
tenho vivido situações que,
por ultrapassarem
a dimensão da performance
(como gênero artístico),
projetam-me numa zona
de percepções expandidas,
em nada semelhantes a
experiências vivenciadas
no cotidiano.

3
Como performador,
esforço-me para seguir
a única instrução

de que consigo me recordar
enquanto tento grafar com o corpo
no espaço: deixar para trás
os cadáveres, se não for possível
enterrá-los com dignidade,
ou incinera-los
e espalhar suas cinzas ao vento.

4
Porque errar pela cena-mundo
com um cadáver às costas
é correr o risco de ceder
de vez à loucura
(Arthur Bispo do Rosário
bordou em um de seus estandartes:
"Todo louco tem um morto
que ele carrega nas costas.
O louco só fica bom quando
se livra do morto"), tantas são as vias
que se abrem tão logo começa
cada novo começo.

5
Abandonar o cadáver
de algum outro morto,
mas não a sombra
da minha própria morte,
que está ali onde estou,
está aqui e sempre comigo,
no tempo "saturado
de agoras" (Octavio Paz)
que é o da vida
em forma de arte.

6
As palavras escritas no poemanto
foram extraídas do meu poema
"Para uma eventual conversa sobre poesia
com o fiscal de rendas",
publicado em 2001

no meu terceiro livro, *Trívio*.

7
Há, aí, uma pequena perversão:
apesar de o poema
figurar o inventário, por meio de
associações sonoras, de minhas
únicas verdadeiras posses
(“meus próprios olhos/
meus próprios ovos”,
“meus próprios glóbulos/
meus próprios lóbulos”
etc.), todo o trabalho
foi confeccionado
por mãos alheias
- as das cantoras/atrizes
que integravam, em junho 2000,
a primeira formação
da Sociedade Lira Eletrônica Black Maria,
que fundei e dirigi até 4 anos depois,
com o músico e ator Gil Amâncio.

8
Desde sua primeira utilização,
o poemanto – que só passou
a ter esse nome
de 2005 para cá – nunca foi lavado.
Cultivo o mito pessoal de que nele
se conservam as energias
do piso de cada lugar de força
(nem sempre performo em palcos)
em que “o usei”.

9
Largar o poemanto pelo chão,
depois de rodopiar pela cena, equivale,
torno a dizer, a deixar para trás
o que possa haver
de morto grudado à segunda pele
em que ele se tornou para mim

naqueles instantes sem fim e sem começo,
naquele espaço sem bordas visíveis
constituído só por centros que,
mais e mais,
se (e me) descentram.

10
Não por acaso, Reynaldo Jimenez,
poeta peruano radicado na Argentina,
disse do poemanto,
que ele viu num pequeno vídeo
disponibilizado por mim na internet,
que aquela estranha fusão de sujeito-objeto
"por momentos es un devenir animal,
medusa, mantarraya..."

11
Com os parangolés de Hélio Oiticica,
aos quais tem sido frequentemente comparado,
o poemanto se relaciona apenas quanto ao fato
de que, sem um corpo que os vista
e evolua com eles, não constituem,
em si, obras de arte.

12
As evoluções que faço pela cena
quando coberto
pelo poemanto não aspiram
à condição de dança.
Embora não deixem de lançar
uma interrogação acerca
do que é, afinal, a dança. E sobre
quem pode dançar
(pergunta insistentemente repetida,
nas últimas décadas, por muitos daqueles
que têm a dança como ofício).

13
Não é, contudo, por cautela
ou modéstia, ou ambos

os sentimentos juntos,
que prefiro dar à presentificação
do meu corpo em cena
a denominação de corpografia.
É, antes, para frisar que, ainda aí,
é uma forma de escrita o que almejo.

14
O que quer que meu corpo escreva,
ou que se escreva/inscreva nele, será sempre
para leitura de um outro
tal possível escritura.
O poeta Chacal disse em algum lugar,
com respeitosa graça,
que o poemanto é um
"embrulho de gente letrada".

15
Com o corpo, sei que grafo lá onde
nenhum "onde" é mais (ou ainda) possível,
senão como imagem que se desfará
tão logo venha a ser percebida.
Tudo é texto, mesmo
que não de todo legível.
Tudo (em nós), afinal, é texto:
vide a sequência genômica.

16
Mas nem tudo é palavra.
Nem a palavra pode tudo.
Porque também somos imagem
(em ininterrupta, mas descontínua
movência): rastro de coisas i/móveis
que nenhum nome,
palavra nenhuma designa.
Porque já não há tempo.
Ou porque o tempo não existe.

17
Só por aí se pode tentar

"ler adequadamente"
o poemanto: em seu deslizar
(no limiar da legibilidade)
entre outras imagens/corpos
que se interrelacionam na cena.

18
No poemanto, sob as temporalidades
em colisão que o atravessam,
a ideia de "obra" (ainda que "aberta",
para citar o conceito trabalhado
inicialmente por Haroldo de Campos,
em meados da década de 1960,
quase em paralelo
com o desenvolvimento
das teses de Umberto Eco
acerca do mesmo tema) é golpeada
por uma tão violenta
valorização do processo
que me vejo obrigado
a definir o que faço como
"obras permanentemente em obras".

19
E nem serei eu,
pseudo-oficiante
de um precário rito que sequer
se traduz em alguma
promessa de felicidade,
quem conseguirá,
só por força do modo
como opera, produzir os termos
de inteligibilidade
do poemanto: é aquele que outrora
se dava o nome de espectador
que cabe a talvez impossível proeza
de fazer do manto um poema.

20
Em Providence, EUA,

maio de 2006,
pessoas em busca
de seus lugares na plateia
passavam rentes à minha cabeça,
quase pisando-a,
quando eu era ainda só
um pedaço de pano preto,
quase invisível, largado no chão;
em Maceió, novembro
do ano seguinte,
lancei-me a certa altura
da performance
contra o fundo preto do palco,
no voo zonzo do giro
sobre meu próprio eixo,
sem ter a mínima ideia quanto
ao que me esperava
do outro lado
da frágil parede:
como não pretender
que os riscos
que efetivamente corro
ao habitar o poemanto
não sejam partilhados,
ao menos no plano simbólico,
por quem me vê e ouve?

21
O poemanto, o que sei
que ele é:
formas em (de)formação.
Em (lenta) dispersão.
Vide, novamente,
o mapa genômico.
Vide a vida.

22
O poemanto, observam
alguns dos "que sabem",
lembra o rito dos Eguns.

Concordo em parte.
E aponto: num e noutro caso,
a morte desempenha
funções diferentes.

23
Elogio do excesso,
do desperdício,
da indistinção entre o sentido
e o não-sentido.
Passagem para zonas
ainda não mapeadas
da (minha) consciência.

24
Elogio da lentidão,
para citar o belo título
de um ensaio fundamental
do geógrafo-pensador
Milton Santos, o poemanto
é um modo de contestação
das velocidades
(nem todo evento
múltiplo e simultâneo
é necessariamente rápido)
que constituem o *espaçotempo*
da modernidade (e desse seu
rebento prematuro a que
se tem dado o nome de
pós-modernidade).

26
Está mais que visto:
o poemanto tem partes com Exu.
o embaralhador
de cartas sígnicas,
o que detém o controle sobre
"a infinita permutação
do que poderia ser"
(a frase, usada em outro

contexto, é de Paul D. Miller,
a.k.a. DJ Spooky,
That Sublime Kid,
um dos pensadores-artistas
mais originais do Black Atlantic).

27
O poemanto não é
um mapa genômico:
um mapa genômico
pode ser um poemanto.

NUNO RAMOS
(1960)

Sermão da descendência

Não é no escroto nem no sêmen
mas na face externa
na superfície vermelha gritando *esp*
elho, espelho, venha!
que colocaria o órgão reprodutor
caso pedissem o meu conselho. Um grão
de areia, ao roçar outro grão
faria nascer um terceiro, bastar
ia um único fio de cabelo
para criar toda a cabeleira
sem privilégio à raiz.
Sim, um amor externo, na pele
suada de tudo
secando os corpos por dentro, enchendo-os
de piche ou de feno
copularia sem penetrar, arr
anhando. Pedras e tronco, sapos e hastes, magnólias,
    gerânios
a barba de um camelo, a face lisa de uma alface
gerariam descendência apenas tocando-se.
Senhores, ouçam
bem, é do total interesse de vocês
aproximem-se de meu banquinho
sem derrub
ar-me. Transferida à ponta da pele
feita glande moída na derme
essa geração espontânea, sobrecutânea
seria mais destrutiva à história natural
do que a vinda do cometa. Meu cometa.

Sim, seria.

CARLITO AZEVEDO
(1961)

Garota com xilofone e flores na Telegraph Av.

Quando ela
tão incrivelmente linda
como você dizia
escrevia os poemas que escrevia
e eu entendo que não levássemos tão a sério os poemas que ela
tão incrivelmente linda
escrevia
sacando de dentro de uma bolsa ácida com *pins* coloridos e motivos *op*
os menores lápis de cor que vimos em toda a vida
para improvisar
a qualquer hora e sobre qualquer superfície
os poemas que ela escrevia
nós dizíamos que não havia mesmo nada ali
além do pitoresco
nada mesmo
ao menos para dois rapazes passados dos trinta
bebericando café entre desespero e risos explosivos
indo e vindo de países diversamente destruídos
e equilibrando entre os dedos
as moedas contadas
e o fim do amor
e com vontade contrárias e confusas
de deslocamento
e invisibilidade
mas refletidos no espelho de um mesmo café em Berkeley
e tendo sim provavelmente toda a razão
ao dizer que não havia mesmo nada ali
quando ela escrevia os poemas
sempre os mesmos
que ela escrevia com aqueles dedos que nos impressionavam
cheios de anéis de pedra bruta

e aqueles olhos
verde-rã
não havia nada ali
a não ser talvez um homem
sempre o mesmo
que reencontrava enfim uma garota
sempre a mesma
e dizia *sou eu*
e sempre uma revoada de tão incrivelmente fantásticas flores repetia *sim veja é ele*
e no fim das contas uma
sempre a mesma
garota concordava *sim sim é você mesmo e todos os seus colares*
só para depois tornarem a se perder um do outro
como uma espécie de outra mágica revoada
subindo do chão da vida
e isso sim havia
em todos
em absolutamente todos os poemas dela
tão incrivelmente linda sim
e lá se vão doze
ou treze anos
e eu simplesmente nunca
os/a
consegui esquecer

LEILA DANZIGER
(1962)

Minima Moralia

Sobre a mesa de trabalho
a fita adesiva adere aos jornais
e abafa os ruídos do dia.
Permite apenas a leitura sobre um peixe cego
que recuperou a visão
após um milhão de anos no escuro.

Foi este um instante de felicidade súbita
que se mede envergonhada
a incomensurável tristeza do que existe
e se me perguntarem "como foi seu dia"
direi palavras prontas
mas nada sobre aquilo que abafa os ruídos
ou a saída de um peixe da escuridão.

Guardo a felicidade entre as coisas mudas
e certos dias, para salvá-la,
entrego-a de vez ao esquecimento.

CLAUDIA ROQUETTE-PINTO
(1963)

A mão

do branco suntuoso entre carcaças lívidas
(nuvens)
ainda mais cinzenta pela tença da neblina
surge
– nos seus dedos um lampejo apenas
subverte a extração dos dias

à hora aveludada
no lusco-fusco de um cômodo
se diverte a passar –
em bando – os pirilampos das
falanges sobre o campo noturno
(cabelos)

ferindo o – caso contrário –
dormido coalho dos meses
outra e outra vez as
farpas sulferinas
– seus dedos

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA
(1963)

Os adultos

§ mãe: estátua de sal
ereta
irmã das árvores
à esquerda do inexplicável

§ o esboço de sorriso
crava nos homens seus
meios
a tiracolo como pólvora

§ a mulher de branco
(eixo da vida
ou da foto) lança fora
do escárnio
sua compostura

MARCOS SISCAR
(1964)

A dor não é diferente da palavra
que se pronuncia em voz alta já que o corpo
necessita eis a coragem inesperada
você segurava o copo com as duas mãos
curvado sobre a mesa levantou-se e agora anda
esta tarde descorada que o estreita
nos braços como uma ameaça
é a herança que lhe deixa o mundo
que o obriga a cotejar o insuportável
mas você se deixa tomar nos braços
como se tivesse decidido você decidiu
é seu mais estranho sentimento de ser homem
levar diante dos olhos a visão desumana
uma visão divina se precipita se percebida
a dor a anuncia e é prova de seu império
você decidiu como que o inevitável
a sua coragem por vezes nos desespera

LUCI COLLIN
(1964)

Enigma figurado

pode ser que nunca e nem mesmo
que não aquele que não aquilo
que não mais

pode ser o que queda sem filosofia
ou o que a água o que trama
o que distrai

pode ser que ausência valendo toda lida
pode que nem mesmo a esmo outro jamais

pode até que a vida exista todo o zelo
pode que a vida toda nem um ás

ALBERTO PUCHEU
(1966)

É preciso aprender a ficar submerso

É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo. É preciso aprender.
Há dias de sol por cima da prancha,
há outros em que tudo é caixote, vaca,
caldo. É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo, é preciso aprender
a persistir, a não desistir, é preciso,
é preciso aprender a ficar submerso,
é preciso aprender a ficar lá embaixo,
no círculo sem luz, no furacão de água
que o arremessa ainda mais para baixo,
onde estão os desafiadores de limites
humanos. É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo, a persistir, a não desistir,
a não achar que o pulmão vai estourar,
a não achar que o estômago vai estourar,
que as veias salgadas como charque
vão estourar, que um coral vai estourar
os miolos – os seus miolos –, que você
nunca mais você verá o sol por cima da água.
É preciso aprender a ficar submerso, a não
falar, a não gritar, a não querer gritar
quando a areia cuspir navalhas em seu rosto,
quando a rocha soltar britadeiras
em sua cabeça, quando seu corpo
se retorcer feito meia em máquina de lavar,
é preciso ser duro, é preciso aguentar,
é preciso persistir, é preciso não desistir.
É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo, é preciso aprender
a aguentar, é preciso aguentar

esperar, é preciso aguentar esperar
até se esquecer do tempo, até se esquecer
do que se espera, até se esquecer da espera,
é preciso aguentar ficar submerso
até se esquecer que se está aguentando,
é preciso aguentar ficar submerso
até que o voluntarioso vulcão de água
arremesse você de volta para fora dele.

FÁBIO WEINTRAUB
(1967)

Bombardeio ou terremoto?

Perdido no limiar
da faixa de pedestres
não consegue atravessar

O esparadrapo a desprender-se
do sexo amarfanhado
que ele enxugara na véspera
com a toalha de rosto

Tonto e pálido
com flores murchas
a despontar da sacola
escora-se nos objetos
da paisagem em desmanche
– presa dos sedativos
que ainda tem de tomar

Na falta de algum vizinho
que o reconheça
decerto o tomarão
por doido ou mendigo
ainda que se encontre
a um quarteirão apenas
da própria casa

PÁDUA FERNANDES
(1971)

Os nomes feridos

I

À pele, perguntar
o nome da vida; mas só ver
a cicatriz.

Perguntar à cicatriz
o nome da pele;

não ouvir nada.

Os nomes foram feridos.

II

Nomes proliferam sobre o corpo,
Sangram por estarem entre o sol e os ossos.

Luz invertebrada,
Gritam, comparamo-la ao inseto no voo e no enxame,
o que deseja ao desvelar as letras
sobre o corpo
que somente a choque e a chicote
aprendeu a escrever-nos?
O corpo que somente aprendeu a mensagem das letras
quando se tornou lápide de si mesmo?

III

A mudez tem uma pele

toda de cicatrizes; elas
falam

mas discordam entre si, algumas
arautos do chicote, outras
porta-vozes do coágulo que fechou o caminho
entre a garganta e a luz.

IV

Que a cicatriz tome o lugar
do corpo e reconstrua a voz
em grito e desocupe a boca
do verme vermelho da língua;
para sempre liberte os lábios
da feroz sina de se abrirem,
sitie a garganta com muros,
fossos, túneis, minas, com tudo
que vá separa-la do sopro,
e que os pulmões enfim cansados
de furtarem parte da estrada
dos pássaros se trancafiem
no vasto coração do vácuo;
o vácuo será coração
e nas veias ainda abertas
circulará o sopro livre
de pulmões terem existido,
jorrará o fluxo contínuo
da garganta arrancada ao grito,
e, quando as línguas o provarem,
a sede será todo o corpo,
a cicatriz, todo lugar.

V

Eu o vi no trem.
Estávamos em pé. Não percebi, inicialmente, o quão sua camiseta estava furada, pois as tatuagens misturavam-se com aquelas estampas que bem poderiam ser

sujeira antiga.
A camiseta estava muito justa, provavelmente não havia sido comprada para aquele corpo, ou foi quando aquele corpo era outro. Começavam a confundir-se; provavelmente já era necessário lavá-los simultaneamente, senão ela rasgaria. Restariam as tatuagens, que são coisa de desnudar a gente.
Quando pensei nos rasgões, olhei melhor e julguei que algumas das estampas eram também pele, mas não tatuagem – cicatrizes pareciam. Eram regulares demais para serem industriais. Aquele padrão parecia ser o do massacre.
O trem estava mais cheio. Seria assim até a estação final. Ele não tinha camiseta alguma. Ele estava todo coberto da História. Não podia mais lavar-se.
Vestido com aquilo, como poderia falar-lhe? As cicatrizes têm outro discurso. Elas não usam faca. E era uma faca o que eu levava.
Comecei a abrir o trem. Rasgá-lo por dentro. Os outros vão entender, estou apontando para o velho, que já correu. Sem vestes, todos seremos a travessia.

VI

duas gangrenas ou dois sexos:
e ambos amam tanto a cicatriz
que lhe arrancam ao mesmo tempo a pele e a nudez

MICHELINY VERUNSCHCK
(1972)

a memória
da tua mão contra a minha
o sol sobre as ruínas
a torre a língua
o cartaz colado no muro
quem amaria
pergunto
quem amaria
a marca da morte
sobre o meu corpo
esse meu rosto
o vago olho da lua
por sobre as águas
o ritmo
o ir e vir
dessa máquina
o homem que passa
e não nos vê
a mínima eletricidade
papel de bala
caído no chão
meu sim meu sim meu não
e sempre a memória
aquela da pele
da tua em minha mão
saber o caminho
do esquecimento
dessa cidade de luz
desse amor
desse invento
o que não podes me dar
o que não devo querer
um santo de gesso
quebrado

largado numa esquina
buzinas
um anjo ou um animal fantástico
atravessando o céu
teu abraço o peito contra o meu
cada dia um novo começo
letra lume o desfecho
a marca da morte
me lambendo o corpo
e eu o seu osso
o vento
e a noite em que fui embora
nessa eterna eterna demora
não faz diferença
o pão o andaime a véspera
a carta fechada nunca enviada
a linha da pipa embaraçada
saber do caminho
meu mar meu labirinto
dessa vereda de luz
chicletes dentes
onde leva essa escada
Jacó sorrindo para o nada
a memória da carne tão escassa
a mão o braço o lábio
esse mundo aos pedaços
o sol alevantado
meu contentamento
teu voo
meu pássaro

ANGÉLICA FREITAS
(1973)

Sereia a sério

o cruel era que por mais bela
por mais que os rasgos ostentassem
fidelíssimas genéticas aristocráticas
e as mãos fossem hábeis
no manejo de bordados e frangos assados
e os cabelos atestassem
pentes de tartaruga e grande cuidado

a perplexidade seria sempre
com o rabo da sereia

não quero contar a história
depois de andersen & co.
todos conhecem as agruras
primeiro o desejo impossível
pelo príncipe (boneco em traje de gala)
depois a consciência
de uma macumba poderosa

em troca deixa-se algo
a voz, o hímen elástico
a carteira de sócia do méditerranée

são duros os procedimentos

bípedes femininas se enganam
imputando a saltos altos
a dor mais acertada à altivez
pois
a sereia pisa em facas quando usa os pés

e quem a leva a sério?
melhor seria um final
em que voltasse ao rabo original
e jamais se depilasse

em vez do elefante dançando no cérebro
quando ela encontra o príncipe
e dos 36 dedos
que brotam quando ela estende a mão

EDUARDO STERZI
(1973)

Jogo

depois do primeiro chute
é fácil alguém pergunta
pra que tanta violência
aos poucos vai até
serenando como se
estranhasse a contragosto
a lâmina do sono
suja do próprio sangue
do sangue de outro
aos poucos vai até
afogando no sono
que desce pela garganta
vem dos ouvidos
só pensa
proteger os olhos
proteger a nuca
proteger a têmpora
parece que sorri
à espera do último
que não vem
à espera do próximo
é fácil é só
esquecer
que aquela é
a sua
(só) a sua cabeça

FABIANO CALIXTO
(1973)

Santa Cecília by night

É quando as sombras escrevem seu «Manifesto dos dias terríveis». A lágrima como sistema. O corpo, absorto & extasiado, perscruta sua própria matéria de cinza & pós-guerra, de fala surda & possibilidade de telefonema de última hora. Somente porque, em algum momento desta manhã desapontada, alguém se lembrará dos imensos sinais nas plantações de trigo do sul da Inglaterra & dos zumbis bombardeados de crack do centro da cidade entre pombas que comem restos de hambúrgueres e bebem viscosas cusparadas. Passamos a outro caso, a destruição como sinal de vida. Na fotografia do russo radicado há décadas em São Paulo observamos tripas claustrofóbicas. O ferido que a hostil gleba atra escarva. Como uma arraia que aparta dois mundos (tal qual um piano de cauda) ao cruzar as lâminas de sol que rasgam o sinfônico azul dos oceanos. O último solilóquio dos suicidas. A realidade é apenas o rastro do rato no sótão. Pressupor dádivas maduras caídas do céu estrelado é crer que a noite, com seus coices, cheire a flor.

ANNITA COSTA MALUFE
(1975)

não se aproxime
ela teria ímpetos de dizer mas depois
a palavra voltava e ficava morta
mais ou menos na altura do peito um
rápido amortecimento seguido de
congelamento das artérias e músculos
mais superficiais não se
aproxime *não me toque nesta*
lembrança algo como duas ou três palavras
superficiais o frio na espinha o congelamento
e então já não faria diferença era
parte do processo partir da palavra
morta depois se aproximar o quanto
desse vasculhar quartos gavetas e
falar muito alto bater todas
as portas era parte do processo integral
o ponto de contato tornava
invisível até o limite de nem mesmo ela
poder encontrar a
palavra estava morta mais ou
menos na altura do peito um
pouco mais para cima e dela se animava
um ser disforme uma espécie de
autômato invertebrado de timbre muito baixo
rouco pele fria olhos atentos músculos
rígidos mãos muito fortes e respiração
curta elétrica quase imperceptível

DIRCEU VILLA
(1975)

PSEUDOCAVALCANTI

porque de dor convém
cobrir meu peito
e do prazer sentir a flama ardente,
direi como perdi o meu tesouro
e o desvirtuei
        até o presente.
eu digo que estão mortos meus sentidos;
no peito muita guerra, e amor tão pouco
que se para mim morrer
          só fosse um jogo
faria amor sofrer meu sofrimento.
mas na fúria do tempo em que me encontro
mudo agora minha frágil condição:
se já não mostro o quanto sinto
         (nem tento),
é que uma dama cruzou meu coração
e levou toda esperança como um vento.

PRISCA AGUSTONI
(1975)

a casa hospeda sombras
atrás das varandas
onde flores e cores descobrem
cruéis brotos de candor,
enquanto no porão
sílabas de vidro
sugam a luz que virá:

tantas e tantas portas
e nenhuma chave

TARSO DE MELO
(1976)

a cada dia um novo bicho: já um repleto bestiário desde aquele que, no lixo, na imundície do pátio, comida entre os detritos. Um: morto, a golpes de canivete; invadiu o semáforo em que o outro prestava iguais serviços. Dois: ainda vivo, cruza o gelo dos dias e, pelo álcool, o hipermercado. Três: morto, veste folhas de jornal, tinge-as, fede enquanto a viatura não chega; ninguém viu nada. O destino, decerto, deixou rastro. Ou quem não participou dos crimes. Talvez entender seus conceitos – justiça, direito, lei: gravando nos livros as notícias de jornal ainda inscritas nas pontas dos dedos – não seja o trabalho para esta hora. Para a próxima. Um outro objeto quer a atenção, e se cala.

ANA MARTINS MARQUES
(1977)

O que eu levo nos bolsos

Um isqueiro
amarelo
um pouco
de areia
moedas brilhantes
teu nome
anotado
num papel dobrado

minha praia
de bolso

um isqueiro
amarelo
um pouco
de areia
moedas brilhantes
teu nome
anotado
num papel dobrado

meu deserto
de bolso

RICARDO DOMENECK
(1977)

O que o poeta deseja ao namorado no dia de seu aniversário

Quisera eu que você fosse grande e gordo
como uma baleia, ou melhor, um cachalote
(o que evitaria que eu tivesse
que abster-me dos seus dentes),
cujo coração é do tamanho de um Fusca,
assim quem sabe eu arriscasse viagens,
não com você ou a seu lado, o que faz
sempre com que a visão de sua crista
ilíaca e nuca
desvie, redirija ou distraia a atenção
que eu deveria dedicar à arquitetura
e à paisagem,
mas pudesse, como um Jonas felizardo
e voluntarioso, viajar em você, alojado,
confortável em seu miocárdio,
massageado pelo inflar metódico
dos seus pulmões,
entrincheirado (feito um presidiário
que imaginasse o exterior como estado
de calamidade e sítio) entre as grades
simétricas de sua caixa toráxica,
e desta forma inaugurasse
nossa colaboração, simbiose compulsante
e vitalícia,
nunca mais comensal de farelos e migalhas
de machos-alfa ou godfathers,
e doravante
não mais sofresse a dependência
dos movimentos voluntários
alheios
para exercitar no amante meus cinco sentidos,

ou acabar, como sempre dantes, forçado,
com minha própria mão febril
sobre minha própria testa,
a constatar e provar a mim mesmo
a minha febre,
pois relegaria a você, moço,
a regulação e constância da nossa temperatura,
mesmo que hoje me contente,
corregente e duplo,
com esta pressão arterial e taquicardia
de beija-flor, cuitelo,
com meus cerca de 1,260
batimentos cardíacos por minuto
quando sobrevoo seu rosto,
como se este fosse a cara amarelada
de uma angiosperma polpuda e melosa,
pois eu também, moço,
tal qual esta espécie
de pássaros rapidíssimos
e glutões, estou sempre a meras horas
de distância da amorosa inanição.

LAURA ERBER
(1979)

Um céu pálido, sobre o mundo se acabando em decrepitude,
talvez vá embora com as nuvens.
Mallarmé

Talvez vá embora com a nuvem a luz que estoura a forma da cidade. Antes existia um aviário, a graça dos tecidos, um céu azul-de-céu, a palavra sublime. Hoje há uma lei para o refúgio à beira rio, o que o olho evita. E mais um corpo retorna à superfície. Penso nos acampados, nos aflitos, no lixo funerário, nas mortes por água, nas entregas loucas, nas moedas, na mão ferida do escafandrista. Penso nos anéis de fumo, nos cometas frios, na pupila do cosmonauta, em Ghérasim Luca. Que me dá tantas provas de sua respiração e outras mais difíceis marcas de sua passagem mas não consigo ler. O que o lobo estabelece com o trenó, o apaixonado com o açougueiro, o espadachim com o muro, mas penso em você. Em você mesmo.

MARIANA IANELLI
(1979)

Treva alvorada

Absurda leveza que te faz afundar
E não é a morte.

Cumpres tua descida calado
(Uma palavra por descuido
Seria amputar a verdade).

Náufrago do tempo,
Tuas horas transbordam.
Dentro da lágrima,
Imensidão, já não choras.

Estrelas e estrelas,
Copulam a sede e o engenho
De que te alimentas
Como nunca te alimentou
O gosto da carne.

Tua face atónita
Se existisse uma face,
Tuas costas nuas,
Se a nudez fosse do corpo.

Um sorvedouro
Onde a paz dos contrários,
Treva alvorada.

Fecundado, flutuas.
É a lei da graça.

MARÍLIA GARCIA
(1979)

Noite americana

noite 1

no momento de maior intimidade,
ficaram a 1 cm de distância
um do outro.

então me afasto e
vejo a cena em câmera
lenta: ali os dois
não se olham.
está escuro   e eles atravessam o espaço.

o ombro dela quase raspa
o braço dele,
os dedos dele
um pouco acima da mão dela.
os olhos fixos no chão
e a respiração em
compasso.

— *por quanto tempo você aguentaria ficar debaixo d'água?*

é o que ela parece dizer.
em vez disso, olha o mínimo relógio de pulso
e sabe que seis horas depois já estará
do outro lado.

noite 2

está chovendo

e quando o farol acende
o verde brilha no escuro.

— claro. escuro. claro. escuro.

(quando você descreve
tenho a impressão de sentir o que
acontece)

um trem parte para um ano
específico no futuro. dizem que lá as coisas
não mudam.
está escuro   e eles atravessam o tempo.

me interesso por um único viajante
no trem. ele busca uma noite específica
e, de longe, parece
em repouso invernal.

quando a viagem chega ao fim, ele decide voltar atrás:
— *quando me perguntam*
por que voltei,

diz ele,
nunca dou a mesma resposta.

noite 3

a câmera agora mostra
a terra do alto.

de cima,
o planeta azul e úmido
tem uma única mancha cor
de ferrugem
que fica perto do pacífico.

neste ponto de umidade zero
o ar é tão fino

e tão limpo,
tão frio
e tão seco
que se pode ver com nitidez
a luz dos objetos celestes
vinda do passado.
no escuro   a luz atravessa o tempo e o espaço

e vem dar aqui
neste ponto.

em geral, ela se mostra à noite
como as lembranças
em *pause*.

MÔNICA DE AQUINO
(1979)

Ser mínima

cortar cabelo
unha pele
mas sem o cálculo da cutícula.

Despir-me de tudo
o que não dói.

Ultrapassar toda a carne
e roer osso –
canina –
roer o rabo

Roer, ainda,
os próprios dentes
agudos
rentes

ÉRICA ZÍNGANO
(1980)

ainda consigo escutar a máxima que cambaleia sobre a terra bêbada
insistindo nisso que relembra o erro de acertar a carta
e perder o jogo
todos já nascemos para trás
e continuamos evoluindo em busca
de um silêncio que conjugue
a vibração exata do período de resguardo
e o sono que regenere e nos faça amanhecer
sem rugas
eu faço experimentos eu misturo substâncias
eu não sou a primeira
eu não serei a última
nem todas as formas estão corretas
mas não existe uma regra
você pode confiar nas suas escolhas
apertar botões
selecionar estados de ânimo e alturas relevantes
nada será compreensível
até o ponto em que fulminante
o trem passa e lhe leva para outro lugar
antes de você nascer
nada pode consolar mais do que
o seu próprio vazio acolchoado
mas nem todos estão preparados para abrir a porta
vai ser necessariamente assim
existe um emissor e o receptor abre a carta
corta as bordas
rasga o tempo do envelope
aí começamos a descobrir de novo
quando o elevador está congestionado
e as paredes cheiram a esperma de um cinema pornô velho
os pênis nunca funcionaram como bons faróis
[para os navegadores
astutos a cachaça talvez

o problema são as vozes que começam a se acumular
no fígado e ao invés de regenerarem
não conseguem filtrar
mas é verdade que podem ser úteis para pendurar quadros
eu falo dos pregos dos pênis dos imãs de geladeira
necessariamente a ordem está invertida
eu falo de como você se nutre para depois explodir
e aí só depois os livros são vendidos limpos
passados a ferro
inúmeros exercícios de corte e feiras de eventos
mas os frágeis os sensíveis os indispostos os que têm
[vontade de vomitar
não conseguem acompanhar e ficaram presos
em algum ponto em que nem eles mesmos conseguem identificar
são os primeiros a morrer

ADELAIDE IVÁNOVA
(1982)

O elefante

quando johanna morreu tinha um ano
e oito meses foi encontrada na piscina
apertava um elefante na mão que sua mãe
até hoje aperta muito embora o alzheimer
lhe impeça de lembrar por que ela a mãe
pulou na piscina ao ver johanna
à deriva no ventinho do norte da renânia
boiando na piscina que o pai de johanna
esqueceu de cobrir enquanto jogava
tênis com outros amigos talvez tão ou mais
ricos do que eles a mãe de johanna que hoje
já não se lembra de muita coisa como falei
por causa do alzheimer lembrou no entanto
de guardar o elefante só esqueceu
de tirar o vestido molhado dizem que passou
dias assim "parecia uma estátua grega" disseram
o que ninguém viu era que apertava também o
elefantinho em 1958 quando eu morri 50 anos
depois tinha vinte e cinco anos e seis meses e apertava
o primeiro verso de um poema de sylvia plath e resistia
bravamente de olhos fechados enquanto caía morto
o mundo inteiro embora soubesse que o resto do
poema é uma declaração de amor completamente idiota
como são todas as declarações de amor heterossexual
e como tantas coisas que plath escreveu recitava
o poema enquanto me afogava me perdoe plath me perdoe
campilho o mundo é um horror o elefante é de pelúcia
e ossinhos não são de mel
são apenas cálcio
nada mais.

GUILHERME GONTIJO FLORES
(1984)

Este meu corpo
tal como tudo quanto é meu
é só pronome
não tanto pelo corpo
mas pelo meu
este meu corpo que designa o homem
que hoje sou
e que é tão meu
quanto o outro corpo de uma foto antiga
que insiste sendo meu
e nem existe
e não se encontra em parte alguma
tão menos meu do que meus livros
que meus sapatos
que meus cabelos
que vão caindo a cada ano
e ainda meus a despedir-se pelo ralo

É dele quanto falo
e nele falo
como se fosse meu e não eu mesmo
aquele corpo
como se fosse meu corpo nesta foto
com seu sorriso
(sorriso meu? Seria o mesmo)
forçado como todo riso
que aparece nas fotos
seja ele meu ou não

E nele fica a culpa
de tudo quanto eu erro
maldita mão
não obedece
esta coluna já não presta

língua que não se cala
língua de pedra e pó
penso o que não queria
a minha mente
faz o que bem quiser
a culpa não é minha
é meu estresse
talvez meu tédio
o meu cansaço

Este corpo que chamo meu
esta mente estes olhos
tijolo por tijolo
eu os queria na palma da mão

JÚLIA DE CARVALHO HANSEN
(1984)

Despertar de luz reencontrada
radiosa abre-nos as portas
levanta todas as coisas
a que repele ódios
a sempre jovem que nunca envelhecerá
Aurora, toma-nos os dedos ágeis e faz
avança cumprindo o destino de retornar
    todas as possibilidades
    todas as promessas
recomeça! Mundo oferecido à juventude.
Acaso, alguma vez na vida, deste ordens à manhã
e indicaste o teu lugar à aurora?
Para que ela alcançasse as extremidades da Terra
e expulsasse os malfeitores. Há esperança.
No sempre ela retorna e com ela
seguida a antiquíssima
filha do caos, a mãe do céu e da terra
a que gerou o sono e a morte
os sonhos e as angústias
a ternura e o engano
Noite envolta no véu sombrio
percorre o céu com todos os seus carros de cavalos
atrelados no breu
onde tudo é nada
e se misturam pesadelos e monstros.
Apazigua os excessos formais, libertadora do inconsciente
apaga todas as diferenças que de longe vemos quando não estás
retira as cores, desfaz os limites
embala-nos. Enquanto no horizonte leste
ainda não se recupera o luminar ascendente
calor que penetra a vida, força que penetra os ventres
revela-nos
a luz fecunda
que havia morrido e vida que é, retorna

sobe! Até a hora em que já não há sombra
e o sol, atingindo a metade do dia, em euforia
declina feito a lua, que quando se torna cheia
começa a ser mastigada, aos quartos.
Aos quartos! Já de volta está a indeterminada
que nos mistura ao tempo das gestações, germinações
todas no escuro acontecem
as transformações. Entrega-se
a purificação do intelecto que a noite entrega
dominadora hipnótica das coisas que se agitam no mundo.
Abaixem as vozes! Abaixem.
Até que as trevas se abram em luz
vibração ordenadora do caos
descansa. É o verdadeiro coração do mundo
a ligação de uma a outra
é onde estão e abraçam-se mutuamente.
A aurora e o breu. No princípio eram o mesmo.

REUBEN DA ROCHA [cavalodada]
(1984)

CAVALO

Muito hesitei em tornar a ti, falava eu com uma palavra como se ela fosse um ente separado do meu. Mas a palavra "cavalo" é o meu cavalo: e como a todas palavras estou interligada, a não ser que um dia alguma função do meu cérebro (ou será entre as vérte-bras? da respiração) apagar de forma que eu esqueça os conectivos, as semânticas e, desprovida de sintaxe eu me torne: um cavalo. Ou será que os cavalos também, com seu léxico de serem só herbívoros, não têm na carne outras sintaxes,
às vezes me pergunto se eu conseguiria
        o espaço suficiente pra
antever o salto antes do abismo que vê o cavalo
ou o animal que o cavalo reconhece no escuro
e freia altera retira sua direção
     para continuar em movimento.

UM TRABALHO MÚSCULO MAÍUSCULO

RITA ISADORA PESSOA
(1984)

Noir

faço votos
para que o talho
[a ferida melódica
no teu discurso]
trespasse o teu gesto
no escuro
e afugente de vez
o mal.
porque nos fulge
um apelo
ao corpo
cósmico
deste universo de avalanches
que nos cobrem
em gloriosa aventura
de facas de cozinha escondidas
às pressas
e comprimidos,
e chuveiros ligados
e tempestades elétricas
acuadas em apartamentos
de dois cômodos, sem rotas
de fuga.
tenho tido soluços, arrepios
na base da espinha dorsal,
na base da questão.
tenho esperado, com insistência febril
por uma revolução sonar
de decibéis inaudíveis;
tenho implorado re-pe-ti-da-men-te
por um romance policial *noir*

e pela existência de norma desmond
~~compacta~~
em minha mão
imbuída
de todas
as más intenções.
não tenho certeza se
caibo
nesta pequena vida
que   diviso por entre
a janela da sala,
por entre nesgas de compromissos
e *heteronormatividades* de conduta
e filhos gêmeos – ainda não
nascidos.

RODRIGO LOBO
(1985)

//// hum poeta não se faz com versos/CONVERSAS podem ser
túneis (undergrounds) para passar passear qnd a barra pesa
na pátria (SIM é p/ rir: ria SIM–plante um campo minado
às avessas) /mas , , , sim; ~N é o meu país: tem q ser a invenção
ou de outro sistema ououtro mapa// dali p/ frente (como de
pontonotempo p/ trás ou p/ os lados ou p/ FORA ou p/ dentro) A
POESIA SEGUE SENDO SEMPRE UMA QUESTÃO
CARTOGRÁFICA. a GREVE
é o meu Estado natural–então qnd quero protestar yo trabajo.
TORQUATO assombra o litoral carioca com sua capa rubronegra-
nárquica – – hum VAMPIRO – – – mas qualeh   então

ÍTALO DIBLASI
(1988)

Uma dose de serotonina

apenas porque morremos
em algum canto da China um
filósofo camponês decretou
que o sono é obsoleto

apenas porque morremos
o cinismo o capitalismo o freudo-
niilismo, as canções de ninar

você não acreditaria que a carne
em decomposição libera odores
que excitam a fome de certas espécies

você não acreditaria que eu sigo
mentindo e que agora as mentiras
são quase bonitas

apenas porque morremos:
a beleza.

apenas porque morremos
o sol voltará amanhã
exigindo que ao menos
um
de nós
tente de novo

você não acreditaria nas coisas
que tenho tentado provar –
a libido, o corpo, o frio
(sobretudo o frio)

você não acreditaria que
apenas porque morremos
as coisas ainda brilham

que apenas porque morremos
ainda somos necessários

e que novamente e pela última vez
(é sempre pela última vez)
tornaremos a amar & viver & perder
porque estamos sempre perdendo
e é exatamente por isso que somos
como anjos, querida, somos como
anjos que se mijam nas calças e
lêem milagres nas castanheiras

você não acreditaria, mas você
viu o milagre quando se olhou
no espelho pela primeira vez

e apenas porque morremos não
deveríamos nos olhar nos espelhos
por mais de uma vez

mas você
carrega
a delicadeza das pedras

você jamais acreditaria
que nós sequer morremos

WILLIAM ZEYTOUNLIAN
(1988)

A quente manhã de janeiro
se insinua em sol
sobre o pé de romã
em minha varanda
justamente quando começo
a tatear o emaranhado
de signos da internet:

uma manifestação marcada
para depois de amanhã em São Paulo,
um atentado contra o *Charlie Hebdo*, em Paris,
fotos de férias e verão,
empresários paulistanos que investem em água gourmet
e o vídeo do policial francês sendo morto
que desperta em mim uma forma de compaixão
não imaginada –

– é preciso ter ódio para ser policial,
mas já caído, prestes a tomar um tiro na cabeça,
o oficial volta sua mão a um dos homens encapuzados
por um ato de clemência,
ou, para parar a bala com a mão,
conforme o filme que lhe induzira talvez
ideias pueris de justiça.

Mas em vão –

diz sua mão
'eu tinha ódio'
ou antes,
'eu achava que
tinha ódio' e

Dimashq, Trípoli, Cabul,

Porto Príncipe, Ho Chi Minh City
são outra história
enquanto Hollande diz,
em seu pronunciamento,
duas vezes a palavra ‘bárbaro’

(antes da França ser França
os povos que ali habitavam
eram chamados de bárbaros).

hoje, a França se embarbára contra os barbados
e o *Le point* espalha nos metrôs de Paris
a chamada *nos ennemis islamistes*
(em cima a palavra MALI
contextualiza discretamente).

A França de Goya é civilizada
e a Europa *un jour parlait français*

nesse ínterim,
um chefe de família em 2013
faz a transferência na Châtelet
e vê o anúncio do *Le point*.
Todavia segue para o trabalho, vende sua força,
limpa os corredores do museé du Louvre,
volta ao metrô, vê o anúncio,
– *nos ennemis islamistes*
(em cima escrito MALI, discretamente) –
segue à casa e dorme
extasiado em trabalho.

Pouco antes,
uma turista americana de 2009
sai do museé du Louvre.

Ela passeia pelas Tulherias
até o carrossel
do carrossel até a Champs Elyseés
onde para na Louis Vuitton

para comprar um acessório:
'Isto é Paris, isto é França'
diz a turista em seu entendimento;
plena do sentimento
de partilhar da parcela supostamente a mais real
que aquele lugar tem a oferecê-la.
Então pega um táxi
e volta ao hotel medíocre,
pra lá da Porte de Vincennes.

Hoje
o policial morre
estendendo a mão ao assassino:
seu filho ganhará uma pensão
que permitirá uma vida tranquila:
acabar o liceu com algum dinheiro
indo ao mk2 uma vez por semana,
ser amigo de uma moça proibida de usar o véu
que poderia ter sido sua esposa,
mas que voltou à pacífica Argélia
e fez um bom casamento
para os padrões locais.

isto
quando começo
a tatear o emaranhado
de signos da internet
e a quente manhã de janeiro
se insinua em sol
sobre o pé de romã
em minha varanda:

os meus ancestrais descansando à sombra
num escaldante verão da Anatólia
acreditavam que a romã é um fruto
de bons augúrios e fecundidade.

Isto, meus ancestrais,

foi antes e depois de todos
à margem do mediterrâneo
terem sido, um após outro,
bárbaros e civilizados,
antes dos armênios serem cruzados
e depois de quererem
que eles não existissem mais;

antes que todos um dia
olhassem para as ondas do atlântico
foi-se bárbaro, herege,
pagão, civilizado, infiel:
a todos fora reservado o gume da cimitarra
mais rápida que a cruel taxonomia,
mas sempre uma tarde de romã à sombra
num escaldante verão da Anatólia.

LIV LAGERBLAD
(1989)

Mucosa

falar de conchas que alinhavam-se à lua
um deus mexicano da tempestade alardeava seu cordão de
conchas
junto a jugular como um signo daquilo instável das águas e da lua
a concha como o signo do feminino, do sexo : o caracol : as ostras : a pérola
depois a pérola como embrião e como a delicadeza
que o capital como deus tragou em joia rara porque
difícil e bela
mas antes : na china a pluma de pavão e a concha
e a lua como signo do yin
ele o princípio feminino
e antes ainda espalhadas
as virtudes mágicas de moluscos e ostras
as conchas participam da sacralização da lua
ao mesmo tempo que prolongam as forças aquáticas
e a ostra gera-se sem o macho : gera-se do incômodo
de um grão de areia na boca mucosa da ostra
a pérola : conserva toda a força yin da ostra
que se embebe desse feminino ardido pra gerar
da energia cósmica feminina, lunar e úmida
yin úmido como as mucosas
as águas que a lua coordena
e então diziam na china que o excesso de yin ativo
num canto qualquer que se faça
exaspera o instinto sexual feminino
erguem-se já as dervixes derretidas e lânguidas
induz que "*as mulheres lascivas pervertam os homens*"

B

PÁDUA FERNANDES

Signo da anatomia

existe um coração na pele;
não é a dor
mas como a dor no sangue ferve,
no corpo o obriga ao labirinto,
sob a pele o cárcere infindo
menos se a fere;

há uma víscera nos olhos;
não é a dor,
imita a dor em seus esforços
de não ver exceto o profundo
nada que descortina o mundo
até os ossos;

um osso rói o coração;
não é a dor,
com a dor divide esse pão,
lixo expulso da lata e fora
do esgoto e nem mesmo o devora
faminto cão;

existe uma pele no sangue;
não é a dor,
desnuda a dor a todo instante
em que recobre a cicatriz
de haver um coração, matriz
do frio cortante;
sexos vários pulsam no sexo;
não é a dor,
por certo, que os une em perverso
idílio entre ânsia e vazio,
máscara e signo ou, em equívoco,

une-os por verso;

quantos haveres, e quão ricos,
não é a dor
quem os guardará assim vivos
do nada que aos corpos agrega
outros corpos em posse cega
e já perdidos.

Não é a dor
a palavra dita no corpo
que é a dor.

ÍTALO DIBLASI

Oração a Quetzalcóatl

Eu queria ser o duplo de um Jaguar
  pra findar de vez o mundo
    outorgando-lhe a premissa
daqueles velhos calendários de pedra
  que diziam-nos da vida
  os ciclos
   e dos homens, a saudade
os nossos velhos calendários de pedra
       que resistem à sorte
para além das nossas vagas gerações
   e fazer deles morada
        de meu novo corpo-oráculo
um oráculo de estômago e entranhas
proclamando a palidez dos dias
  em que tu
observavas o inferno à distância
       enquanto eu me arrastava
     agrilhoado
   carregando-o nos calcanhares
  (o Inferno)
adormecido pela cáustica vingança
    das paredes bem pintadas
   do cárcere
          em que nascemos
             tu, presa do corpo &
     eu, presa do tempo
para sempre solidificados num suspiro
     de pequena-morte

GUILHERME ZARVOS

Quisera-me normal. Sem vícios. Um bom
dono de casa. Numa cidade tranqüila de um
país tranqüilo. Mulher, um casal de filhos, a
menina para ser mimada, para que eu venha
desaguar no choro quando ela tiver o seu primeiro
filho. Ou será o primeiro neto, de
qualquer um dos filhos, que me arrebatará?
Quisera-me menos fodido, menos anti-social,
sem beirar sarjetas, eu, sujeito educado, com
amigos de afazeres invejáveis.
Quisera-me velhinho contando histórias para
os vizinhos.
Não vou negar: dar o cu, pesa-me na alma.

FABIANO CALIXTO

Modigliana

Para Juli

Eu imaginava que todas aquelas andorinhas, nos fins de tarde, levavam os olhos das moças da cidade para um estranho paraíso, onde a neve era muito macia e branca, e os olhos delas todas sumiam-se porque fracassavam em sua missão de absorver a própria beleza. Ao vê-la caminhar com seus passos curtos, como a contradançar com a brisa do verão, eu sentia que em algum lugar de mim, entre a pele que cobre a minha carne e o coração soltando sua marreta no esboço de anatomia que Leonardo nos ensinou a usar como escopo, abria-se um campo imenso e, por conta de uma metáfora que busquei a vida toda e que aqui tenta se fazer presente, porque me é servida em um prato púrpura, *nevava!* Sem parar. E uns pinheiros iam aparecendo numa margem e noutra e de uma extremidade à outra, deixando vazar uma alameda em meu peito que descia até o abdome e parava à altura do púbis. E é nesta alameda que você gravaria seus passos de bailarina. Sua dança distraída, infinita afim do infinito. E antes que meu corpo, sob exaltada pulsação, iniciasse a estação do degelo, escolhi colher seus passos um a um. Buquês no bosque onde meu coração cava um abismo em cada batida. A partir de seu caminhar eu construí uma cosmogênese, onde no início não havia trevas, nem hostilidade, mas um casal apaixonadamente desvairado, bailando na cidade dos reis que tocavam tambores, fumavam maconha e usavam gravatas floridas. Foi então, entre epifania e susto, que percebi, entre tantos idiomas e matizes: você só poderia ser modigliana. E que, mesmo no simples ato de olhar para os lados ao atravessar a rua, você parecia interromper a movimentação de um oceano, a escritura de um verso, a queda da Bastilha. Que caminhando você germina todos os meses de abril. Que de sua respiração tudo nasce. Você não era apenas mais uma moça da cidade cujos olhos sempre se fizeram tão fascinantes. Com eles eu aprendi a mais perfeita definição da palavra *mágica* – que você, por acaso, havia colocado (na noite anterior) entre a minha e a sua mão.

REUBEN DA ROCHA [cavalodada]

Sansão foi homem-bomba tb

regimes d informação delimitam seres

        tesão /e loucura

a individualidade consiste na perpetuação da gênese do ser

  o ser se conhece, = as zonas autônomas,
  pq realiza e especifica a si msm

mas na verdade nem se pode falar em indivíduo
apenas individuação (pois ñ pode apreender
nenh1 critério definidor ao certo
        do q seja 1 ser)

individuar-se ñ significa enfeixar o conteúdo d si próprio, nem
ser d si o invólucro, mas constitui-se n1 ato, d produzir-se
enquanto é-se produzido

  onde se manifesta, o ser existe,
  e o ser existe no q manifesta-se

 a individualidade é 1 aspecto da velha origem
 gênese ativa e ñ sofrida
daquele q individuou-se e persiste e expandir-se

RODRIGO LOBO

querida.01 noite pode durar 3 dias(e ser uma apoteose de brigas e cantos e galos bêbados lágrimas carícias-de histórias russas protagonizadas por bailarinas). assumir o risco:levá-lo no peito p/ todos os lados./estrelas,planetas,álcool:o coquetel explosivo nas mãos do universo-ou nos teus bolsos/.querida.pense no big bang:é isto,ato de vandalismo repetido a cada vez que a águia sai da tua cabeça(e grita)e encontra o lobo sobre a minha;a cada vez q o peixe atravessa os fluidos tuas águas o doce de leite e chega se debatendo em tua perna(ou chaga a minha língua).recordo e reconto todas as penas de uma ave extinta(q sobrevive pelo plágio das aves tóxicas q ainda voam em nossos dias).1 noite pode durar 03 vidas(e ser a colina úmida sobre a qual os pés se esfriam qnd já nda contém a paixão q escapa do barro e dos lábios:td pode ser expulso às quatro da manhã-eu não fui.querida).huma noche pode durar 3 dias.ou nunca mais acabar,tatuar-se complicada em nosso peito.ferida.

LAURA ERBER

as cartas
estão na mesa
se eu pedisse alguma coisa seria
uma voz que procedesse por fragmentos
(irreconhecíveis como um beabá)
mulheres iluminadas de través e também homens
que as vissem do outro lado da sala
uma luz leitosa atravessando o fim do dia
mesmo que isso já tenha sido dito antes
e então a coalescência dessa mesma luz sobre muitos outros
objetos

alguém nos fala da intensidade de um encontro
há jardins com caminhos que se bifurcam só quando você chega
perto

RICARDO DOMENECK

Separatismo

Seu olho fisga-me dentre
os outros repuxa a pele
e reabre o corte faz-me
acreditar num anzol
dedicado
à minha boca enquanto a
expectativa infecciona
sob minha língua repetindo é hoje
é hoje e eu não
queria voltar a existir
como se à entrada
de uma estação de
metrô tocando xilofone
para os transeuntes à espera
da moeda a certa a desejada você
cantarola *Crush*
with eyeliner ele
caminha até o som *Too drunk*
to fuck soa
no quarto poemas não
o impressionam inútil
citar aquela poetisa
polonesa de que você gosta
tanto discorrer sobre a palavra *yes*
nos poemas
de e.e. cummings narrar
a morte estúpida
de Ingeborg Bachmann aduzir
como ele adoraria Yehuda
Amichai ou chiar améns não ele
folheia panfletos
anarquistas mimeografados

textos de escritores
judeus cheios de sarcasmo e ri
sozinho na cama você
se olha no espelho e sabe
de antemão que não
adianta tentar
um moicano você nasceu
para usar
óculos sua visão perfeita
20/20 sempre
foi na verdade um insulto mas como
é bom ouvi-lo sobre a infância
na Berlim dividida os pais
anarquistas o erro
a reunificação (*der Anschluss*
como ele diz) as dificuldades
de ser possuído por pai
alemão e mãe
judia passar o sábado
todo assistindo-
o vê-lo observar o sábado pedir pelo
que é kosher sim querido começa
em alguns dias a Chanukka
quando em um cerco inimigo
ao templo o óleo
suficiente para apenas um dia queimou
durante oito a perseverança do óleo me
cai bem

LIV LAGERBLAD

depois de dias líquidos

depois de dias líquidos
em que somos essa
soma disforme de dois
de trespassar abrindo sulcos
meu dentro todo sendo
teu nome todo tendo
teu toque bruto
no sal que é teu
tão meu que chega
a azedar os lençóis
acintosos

quando a coisa se rompe

é um rasgo isso
brincamos por longas
horas claras e pouco mais
nas sombras que fincam
no assoalho e nas quinas
sua maciez etérea e fomos
estendendo a data da cisão
e foi necessário um bisturi
preciso e de aço cirúrgico
brilhando só lâmina
e benzido naquilo linfa
que em bebeu os panos
quando fomos nós
delicadamente desligados

tão siameses, estávamos

e me lembrei de Gesualdo, o músico

que matou a esposa e ao seu amante
e dos dois corpos, ali
como troféus, os vasos sanguíneos
lindos, assustadoramente conservados

fazem quantos, três séculos?

Vi uma série de animais mortos
na rua, hoje e em maioria
vespas e abelhas
também
um morcego as três da tarde
trombando num poste
indo ao chão, tonto

trouxe o morcego

nas mãos em concha
e o pousei na cama
e esperei pacientemente
até que estancasse
a respiração
observei o peito
que era essa frequência
oscilatória, na qual
tudo parece dançar
e então seu gradativo
apaziguar
até um fim
o peito reticente do animal
parou de inflar-se
e usei as unhas para abrir
o peito como fosse fruta
a entranha e os tubos digestivos
tão bonitos na minúcia de serem

minúsculos e meigos

o coraçãozinho
por algum reflexo

bateu uma vez mais
depois de muito tempo
já estando o peito aberto
e aquela uma pulsão
sem vida porém
pulsão de fato
aquilo foi o amor
e quis te dizer

olha

é isso
esse um espasmo
o que andei buscando
nos teus pêlos negros
ébria dos teus cheiros

GUILHERME ZARVOS

Pra lá dos 70

Envelhecendo com dignidade, convivendo com as
Doenças, seja a diabete, que deixa minhas pernas
Negras, o coração de mudanças de ritmo e de humor,
O pulmão com água. Envelhecendo e esperando a
Morte. Sem revolta. Comendo de tudo. Tudo é
Proibido. Sonhando com viagens que não posso
Executar. O médico manda exames, às vezes os
Faço, às vezes nem envio de volta: ficam no armário
Canetas, relógios, fotos de família, contas já pagas e
Várias pílulas, todas as cores, chego a tomar 17 ou
Mais por dia. Se estou com raiva não olho a
Prescrição. O que mais pode me acontecer
Morrer? Já nem sei o que é isto. Estou tão próximo
Da morte que ela já nem existe. Estou dentro do
Enlace da morte. Eu quero é que se foda. Desculpem-me.
Envelheço com dignidade.

RITA ISADORA PESSOA

Supernova

tenho contido
            entre os dedos
            uma resolução
cabisbaixa ante o sono
eis que tenho evitado
meus próprios olhos
em reflexos
vidros polidos
cobrindo espelhos
como se faz após uma morte
                   ou na iminência
              de tempestade
                de raios
      palavras setas
  galáxias em colapso
em templos esvaziados
                 panteões
em abandono dorsal
um desterro nuclear

é preciso sobretudo saudar
        a colossal quantidade
        de massa
   concentrada
em um minúsculo ponto
                   no universo -
nada escapa
à tua força gravitacional
           nem mesmo a luz
nem o início
      o sentido de todo amor
            e do mundo inteiro

nem os artistas e os estetas
os anjos com trombetas

isso tudo indica
que sofremos de
qualidades extintas aladas
estrelas em último estágio
de evolução
é bem verdade que
nêutrons
[tuas palavras agônicas]
não nos salvarão
pois deste sistema binário
fechado fecundo
em órbitas circulares
não se sai com graça
nem de graça

perceba
há um preço
se uma força
aplicada
a uma massa
de um corpo
em r e p o u s o
é d e r i v a
tudo há de ser
impermanência
: m a r
do início
ao f i m

[do fim ao
i n í c i o]
dos tempos

LUCI COLLIN

Profissão

Perplexo e enorme
meu coração recente exsuda
um saber que nada (de outro alguém)
caberá apenas
no breve do enlevo

(respiramento de estátua
giz de uma imensidão)

e por isso meus dedos exaustos
tocam e deduzem quais as luminosas
pedras em meio ao logro
em meio ao artifício.

As mãos incertas tropeçam
buscando pelas fissuras as senhas
(ponto em tapeçaria)
que farão valer auroras
hálito e sal.

Bambo e inadvertido
meu coração antigo se olvida
da incongruência de se achar sempre
no peito
e de ali não caber
e de desbordar-se por tudo ao saber-se
desaproveitado e baldio
à força da ausência de
deslumbramentos.

E na perplexidade da manhã vinda de novo
– apesar das falhas e das fendas nas palavras e

dos sulcos nas amplidões –
meu coração iniciante
vence um lance e outro e outro mais
e se dá a conhecer fértil e sumo

amparado pelo vislumbre de que
nascentes e augúrios e brotação
se instauraram em ensaiar
algum
outro
você.

CARLITO AZEVEDO

Vento

A manhã e alguns atletas desde cedo que estão dando voltas
          – à Lagoa.
Outros seguem para o Arpoador (onde o ar é de sal e insônia
e a beleza ri com uma flor de álcool entre os dentes).
O mar desdobra suas ondas sob o violeta dos
olhos da menina no alto da pedra.
Um falsete fica reverberando sem querer morrer.
Dos cabelos desgrenhados do meu filho
se desprega, ao vento, como um
sorriso, como um relâmpago,
um pensamento triste.

ANA MARTINS MARQUES

O brinco

Pode ser que como as estrelas
as coisas estejam separadas
por pequenos intervalos de tempo
pode ser que as nossas mãos
de um dia para o outro
deixem de caber
umas dentro das outras
pode ser que no caminho para o cinema
eu perca uma das minhas ideias
preferidas
e pode ser
que já na volta
eu me tenha resignado
alegremente
a essa perda
pode ser
que o meu reflexo sujo
no vidro da lanchonete
seja uma imagem de mim
mais exata
do que esta fotografia
mais exata do que a lembrança
que tem de mim
uma antiga colega de colégio
mais exata do que a ideia
que eu mesma
agora tenho de mim
e portanto pode ser
que a moça cansada
de olhos tristes
que trabalha na lanchonete
tenha de mim uma imagem

mais fiel
do que qualquer outra pessoa
pode ser que um gesto
um jeito de dobrar
os lábios
te devolva
subitamente
toda a infância
do mesmo modo que uma xícara
pode valer uma viagem
e uma cadeira
pode equivaler a uma cidade
mas um cachorro estirado ao sol não é o sol
e uma quarta-feira não pode ser o mesmo que
uma vida inteira
pode ser
meu querido
que esquecendo em sua cama
meu brinco esquerdo
eu te obrigue mais tarde
a pensar em mim
ao menos por um momento
ao recolher o pequeno círculo
de prata
cujo peso
o frio
você agora sente nas mãos
como se fosse
(mas ó tão inexato)
o meu amor.

ADELAIDE IVÁNOVA

O bom animal

quantos palmos
de largura tem
o seu quadril?
desconfio que
o meu seja
mais largo
ao menos
foi o que senti
ao sentar
em você
queria eu
ter sentado
na sua cara
gentil
como um bom animal
e submissa
como um bom animal
eu me alegraria
com sua língua em mim
e grata
como um bom animal
eu lamberia
sua cara
molhada
pegajosa
cheirando a mim
mas minha língua
minha pobre língua
só lambeu suas
pálpebras
Humbert Humboldt
eu não sou nenhuma

Henriette Herz
me deixe pousar
a cara em seu pau
e me afogar no
silêncio entre
suas coxas e testículos
sua magreza me insulta
Humboldt
mas para cada osso
Humboldt
me deixe lembra-lo
há a carne
correspondente.

MÔNICA DE AQUINO

Rasgos
no ponto-cheio
do meu corpo
contra teu corpo
alinhavado.
Tecido suturado
ponto-cego do desejo.

Agora, desabotoa-me a pele
atravessa-me.

Veste-me teu corpo
de seda e silêncio.

AGE DE CARVALHO

Epitalâmio

à Martina

[e
assim
        se inicia – duplo, orante
        o anel que aqui nos unia,
        selo e semente celebrados:

um e al, alumbrados
unoutro e ouro
        iniciamos a viagem,
tocha ofertada ao escuro,
o carvalho tatuado ao nome
e um Sempre pousado nos lábios
  (serpente folheada
  entre rosas, o coração
entalhado sob iniciais em chamas)
abençoando a primeira página
do livro,
   "Pelo casamento
         e pela nossa aliança"

* * *

            [...]
     [...]
     vestido [

[
açafrão [

vestido de púrpu[ra
manto [
guirlandas [
[...]
[...]

púrp[ura
[...]
[...]
[...]
p [

* * *

(Nas descargas confortáveis da noite,
beijando o rasto luxuoso do rímel
sob estrelas, o fósforo
entre as mãos
apagando as luzes da cidade –
o mundo, velocidades
distanciando-se pelo retrovisor,
ela dizia: [...rapto,

..] um brilho, sorriso

..[...)

ANNITA COSTA MALUFE

costuro paisagens intrusas
nas ondas que se desprendem das paredes

quando estaremos preparados
para o silêncio que engole a madrugada?

fico quieta
e meus olhos
os meus olhos, veja bem,
os meus olhos se prendem no teto quando
simplesmente
não tenho nada a dizer

os móveis foram dos meus pais
em tempos remotos
não devo me desfazer, entenda, algumas coisas
nos carregam com elas
algumas coisas nos carregam por toda vida

a repetição das terras
no rosto
que se cansa das manhãs
como do excesso de luz da farmácia

os porões como um pano de boca estampado

e eu que tinha tanto a dizer
de repente
submersa nestes esquecimentos

eu de repente
não tenho nada a dizer

a repetição dos lugares
os tempos remotos
meus olhos se prendem no teto
devorados pela madrugada

fico quieta
simplesmente
me esqueço

PAULO HENRIQUES BRITTO

Matinal

Nesta manhã de sábado e de sol
em que o real das coisas se revela
na forma nada transcendente
de uma paisagem na janela

num momento captado em pleno voo
pela discreta plenitude
de não ser mais que um par de olhos
parado no meio do mundo

tantas coisas se fazem conceber
fora do tempo e do espaço
até que o instante se dissolva
enfim em mil e um pedaços

feito esses furos de pregos
numa parede vazia
a insinuar uma constelação
isenta de qualquer mitologia.

RICARDO ALEIXO

Bispo do Rosário

quem fez e refez
cem vezes o

caminho do mundo
até antes

cem vezes na
cabeça o longo

trecho entre o
mar e o

céu
quem re fez o

caminho da perda
com seu manto

de
ver deusfilho

MICHELINY VERUNSCHK

A bicicleta

A bicicleta brilhava no deserto.
Dourada era um bicho.
Magra, buscava as tetas da mãe
quando se perdeu.
A bicicleta e sua solidez de areia,
sua solidão de ferrugem
e seu olho manso e manso.
Tivera umas asas,
Esfinge.
Tivera uma voz,
sereia.
Animal mítico,
pedais, semente, umbigo:
pedaço de sol,
um deus enterrado no deserto.

MARÍLIA GARCIA

A garota de belfast ordena a teus pés alfabeticamente

98 voltas pelo parque antes de cair em
círculos sobre o próprio peso
                98 vezes ela dizia o mesmo:
você pode ou não pensar em algo
definitivo. parecia a garota de belfast com
sua memória dobrada como um paraquedas
dentro do tecido eletrizado.
                                enquanto falava descia a
escada lateral recortando os ruídos
da orquestra. a roda da bicicleta
girando em *loop* esfarelando os
reflexos no ar e seis horas parada diante
do ralo, *pode ou não pensar em algo*, sentada na beira do
quarto. olha de longe quando o carro
passa, descer à noite pelos trilhos
quando tudo é uma vingança
fala de pontes atravessando os túneis
da cidade e ordena *a teus pés*
alfabeticamente

a anoitecer sobre a cidade
a câmera em rasante
a correspondência
a curriola consolava
a dor
a espera
a intimidade era teatro
...
a tomar chá, quase na borda
a voz em off nas montanhas
abre a boca, deusa
abria a cortina
acha que é mentira

pode ou não pensar que era sua voz em mountain hill
a uma velocidade de 1 km/h ou mil. antes
de voltar para a irlanda já começara a perder. entende
que só depois de o blindex esfarinhado contra a
cabeça, só em poucos segundos até que a cabeça
contra o blindex, mas era apenas parte
do trajeto, não podia calcular as noites ou linhas
em que passaria.

"como extrair o áudio de uma imagem
congelada" era a etiqueta que colava nas paredes
para tentar descobrir como chegar com precisão
e ao fundo a voz pela fresta
a ordenar este livro:

agora nessa contramão
agora chega
agora é a sua vez
agora estamos em movimento
agora pouco sentimental
água
água na boca
agulhadas

ou vertigem das alturas. você pode acordar trinta anos
depois com a imagem ainda mais viva
quando o quarto está às cegas

as cartas
as cartas, quando chegavam
as lupas desistem
as mulheres e as crianças
asas batendo
atravessa a ponte
atravessando a grande ponte
atravessa vários túneis da cidade
autobiografia. não, biografia
aviso que vou virando um avião
azul deixo as chaves soltas no balcão
azul que não me espanta

ÉRICA ZÍNGANO

Câmara de gelo

https://www.youtube.com/watch?v=i-QUQtbui8I

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

QVASI

por definição: língua geral

que serve
para toda obra, mas não
serve
de bom grado sua sintaxe

por sugestão: língua letal
que guarda em si
o gesto secreto: o não

língua que se traz no bolso
para ofício
de cortes

em tempos de fala-pires
língua-pinça
antiformigas

(tamanduá em ronda,
depois do incêndio)

língua para a celebração
do erre
uma califórnia de insetos

por condição: língua real

lesma sem ouro
no esterco   língua
de nenhuma grei

por negação: língua, sim,
que elege os poros
de sua passagem

língua que aproxima
a coisa
e o nome

em tempos sem abraço
língua-musgo
isca

peixe-boi no pasto

língua para invocação
do homem
uma baía de ossos

por definição: língua legal

que serve
a tudo, menos a quem
impede
a sua economia

por princípio matemático

móbile
parte de um corpo, o
corpo
mesmo que ausente

ângulo reto, língua em
cifras
pitágoras em agonia
  — o zero

fração angular
do pensamento, língua

equação
de seu próprio dilema

por afirmação: língua

de escola, não
apenas
língua que em plena
desordem

veste camurça — zelo
de usuário
que indo à casa de farinha
vai a paris

língua do faz-compra-na-
esquina
pega-o-tatu-pela-raiz

língua-bodoque, truque
para ferir
no brio
o bispo, o dígito ditador

por definição: língua

que mais serve sem
adjetivos
e as demais categorias
que nos fustigam

língua que tolera o homem
ínfimo
e sua falta

  língua
porfírio clarismúndi: sibéria
de signos

tão avessa aos vestidos

desnuda
que a tudo reveste

língua: mendigo, mão exposta
à dádiva

— quem a recolhe a multiplica

serro
erro: sumário de paisagens

JOSELY VIANNA BAPTISTA

guirá ñandu

Para Teodoro
(sob a Constelação da Ema, cujas penas são
desenhadas por claro-escuros da Via Láctea)

pode que a noite
hoje
se furte a amanhecer
a terra desmorone
nos bordos do poente
e outra vez o sol
como antes
não desponte

em busca de outro sol
pode alguém se perder
abandonando o humano
para encontrar seu deus
– o mesmo que ao nascer
deu-lhe um nome secreto
de sua divindade
perfeito e repleto
pode que na viagem
no trajeto disperso
um homem adivinhe
a vereda possível
sem fim, de sol a sol
até que a fome e a febre
o êxtase à flor da pele
a intempérie, a prece
a dança em excesso
transportem o corpo adverso

e o espírito pulse
e respire
e confronte
o mar que o separa
da terra indestrutível

quem sabe o paraíso
que descrevem os antigos
não esteja além do vasto
nevoeiro e sargaço
mas no árduo percurso
vencido passo a passo
sem bússola ou mapa do céu
em pergaminho

talvez além do zênite
que ofusca o caminho
deixando um invisível
roteiro para os olhos
que enfrentam o escuro
entre os dois
crepúsculos

RICARDO DOMENECK

em minha boca ele
alcança o meio-dia
mas a intermitência o
apreende como em
qualquer música
cúmplice do acaso a
pessoa começa a
afasta-se desde que
se aproxima a distância
existe entre pele e
pele cada imagem
dobrando a esquina
não configura
sua chegada
ele
só chega quando seu
corpo chega carregado
pelas próprias pernas
e jamais falha que
eu o reconheça
de imediato
como dono de
certos lábios voz
nome e um modo
de apresentar-se
ele
chega o mundo
assume uma nova
forma: a do
equilíbrio precário do
mundo

LAURA ERBER

agora os dois vultos se dissolvem sobre fundo transparente

a voz principal articula em tom muito neutro

outras vozes vão e vêm gastas e obscenas

nunca conseguirei juntar-te todo...

em você também havia algo de espera e cidade destruída

os dias de um mês escuro

a quietude do sexo

nossos corpos sem contorno

e saber que cada vez falta menos e que nossa época ainda

não chegou e que inventamos histórias bonitas com finais

tristes em algum quarto vazio nos terá como únicos habitantes

duas pessoas que éramos nós no fim do mundo

já nem é um castelo

MÔNICA DE AQUINO

Penélope urgente

Primeiro desfiz a mortalha
como de hábito

Mas a noite ainda era vasta.

Inventei, então, um presságio
há muito a destruir:

colcha, tapete, rede

este vestido de renda

a trama da cadeira

a cama

a mesa posta.

A agulha é lenta, lenta

a tesoura é lenta

o amor é lento

destruir me rouba a noite
e as estrelas

GUILHERME GONTIJO FLORES

Tombeau

Um anjo
tenta se afastar daquilo que olha
esbulhado boquiaberto
e de amplas asas

encara no passado
nossa cadeia de acontecimentos
como a catástrofe inacabada
ruína em ruína
ante seus pés

Preferia pousar
acordar os mortos
remontar os fragmentos
porém do paraíso sopra
um vendaval
que enlaça suas asas
e ele não sabe mais fechá-las
arrastado ao futuro
ele vai de costas
e a pilha de ruínas à sua frente
alcança o céu

WILLIAM ZEYTOUNLIAN

Armênia

Há uma dimensão dupla da história escrita a partir dos depoimentos de um sobrevivente. Certamente é um discurso sobre o passado. Mas, antes de tudo, é um discurso sobre o presente, ou antes, um discurso sobre o projeto que o sobrevivente tem sobre o interlocutor. Com um sobrevivente, entramos na vala coletiva do passado com nossas roupagens atuais, como os apóstolos dos quadros renascentistas na Jerusalém antiga ou Dante no inferno.

o alfabeto sobre o escudo
revela a relva, a areia abreviada
nós, devir débil sopro surdo
nós, memória e olvido de uma casta

lua otomana,
epiderme reluzente
revela o germe,
a ária sóbria
sobre a areia:

sopros somos
antes passados

LEILA DANZIGER

Destroços

dessa vez
creio que o início de tudo
foi a persiana que esqueci aberta
deixando que o sol esquentasse
em minha ausência
furiosamente
dias e dias
os versos de Celan
acumulados sobre a mesa

as palavras
   de madeira e borracha
os carimbos
começaram a derreter e gaguejar
– *lallen und lallen* –
balbuciar e repetir
  : destroços celestes
  : cinza-e-cinza Ho-sana anéis-almas
de uma forma não prevista no início do projeto
que queria apenas escavar e manobrar
os versos
como se faz com a própria
  terra-areia-ar-eu-você-Ossip-Marina
e tantos outros nomes
todos os nomes
impronunciáveis
derretidos
fundidos
aos jornais
que cresceram como erva daninha
em minha ausência
furiosamente

dias e dias
a linguagem informativa
acumulada em pilhas
que era preciso desfazer
esvaziar
apagar
erodir a matéria-jornal
turvá-la de poesia

mas percebi
– surpresa –
  o desastre
  o desvio
tudo fora feito
sem mim

MARIANA IANELLI

A caminho do campo de Westerbork

Assen, 27 de março de 2013

E depois de tudo falar deste campo
sem nenhuma alusão ao inferno,
falar apenas do que se vê:
uma estrada reta como flecha
ladeada por um pasto de ovelhas
e do meio da estrada
até a entrada de um bosque
(dourado da luz de março
entre os pinheiros)
alguém que vem porque deseja.
Hoje aqui estudam o rasto fluido
de um encontro entre as galáxias
chamado *cauda de maré*,
hoje este é um lugar para astrônomos,
uma planura a conversar com o universo,
e são de prata as estrelas do campo
e há crianças andando com as próprias pernas
ainda desatentas
do versículo de um salmo numa pedra.

CARLITO AZEVEDO

H.
[*fragmentos*]

III.

A ideia apavorante da morte da minha mãe, pelo que vejo, ultrapassou a superfície gelada, deixando-a intacta e está fazendo sutis estragos em regiões que desconheço, não alcanço. E contudo estou aparentemente tão calmo. Venho escrever por medo de perder a razão, não pelo estardalhaço dos nervos, que não há, mas pelo seu contrário sinuoso, a idiotia. Sinto que se conseguir escrever agora o que se passa comigo estarei salvo, repito isso a mim mesmo algumas vezes, como repito mentalmente o refrão de que onde há obra não há loucura e onde há loucura não há obra e venho escrever. A ideia absurda de um obsessor que se aproveita desse momento de pane em minha mente me passa pela cabeça quando uma voz em mim diz que devo queimar todos os meus cadernos no quintal de casa, numa grande fogueira, um rito de passagem. Agem em mim um medo (irreal) de não sobreviver à sua morte e de que eles, cadernos, sobrevivam a mim, com todo o mal (real) que podem causar a pessoas que amo. Rio dessa ideia e começo a ver nisso um sinal de melhora. De todo modo, apago do computador muitos arquivos antes de começar a escrever.

IV.
(*imitado um velho chanceler florentino)*

Mesmo que a alma não morra – o que não desejo nem creio – e o corpo ressuscite em outras mil formas – o que desprezo –, o composto harmonioso que fazia de H. minha mãe ficou destruído para sempre.

IV.

Hilda:

– Comparada com a larga eternidade de nada sentir, nada provar, nada tocar, ver e ouvir que nos espera, a morte no sono, como dizem que coube a Chaplin,

vale o que valem as dez costelas partidas, as orelhas arrancadas, os dedos decepados, a laceração horrível entre o pescoço e a nuca, a equimose larga e profunda nos testículos, o fígado lacerado, o coração lacerado, o rosto inchado irreconhecível, os hematomas, última forma física assumida por Pasolini neste louco planeta que agora, para você, gira também sem mim.

AGE DE CARVALHO

A vocês,

de coração,

lego o jogo
da concórdia
entre irmãos que são –
longe de mim,
libertos então
de mim.

(Beijo a imagem:
verão, vocês
descendo a Gärtnergasse
em senso único,
pisando o chão do mesmo sangue,
manos, mãos
dadas).

Dobrada a esquina,
mundo-rei, chegam
notícias do front: eles
a postos,
cada um
latindo a sua missa,
a boca cheia
de Deus.

TARSO DE MELO

As mortes de Oscar

104, quase 105 anos levando consigo seus mortos
104, quase 105 anos guardando a morte para depois
104, quase 105 anos cedendo a vez à morte alheia

e Oscar, menino antigo, regendo o mundo com o lápis infinito,
interrompia as curvas do concreto para gravar as baixas

das trincheiras, do Pacífico, do Mar do Norte, Belgrado
os mortos de Oscar, soterrados sob um "x", chegavam em bandos
do Kosovo, Ruanda, Dafu, Afeganistão, Sérvia, Iraque
da Somália, Etiópia, Sudão, Libéria, Angola
despencavam do Andraus, do Joelma, das Torres Gêmeas
saltavam além das redes antissuicídios
sucumbiam nas Malvinas e nas tribos guaranis
apinhavam os trens de Auschwitz, Buchenwald, Dachau
sumiam sob o gelo da Sibéria e ao sol do Caribe
erravam de Treblinka a Guantánamo, da Bósnia ao Haiti
fartos de gás mostarda, agente laranja, napalm, antrax
(Oscar guarda até hoje todos os gritos do DOPS
ecos da Candelária, o sangue dos 111, as ordens do PCC
os estampidos insones e o vermelho quente
intenso a correr pelas vielas do Jardim Ângela e além)

com Oscar enterramos todas as suas mortes
e não sabemos o que fazer com as mortes de amanhã

EDUARDO STERZI

Casa de detenção

Há tempos que eu já desisti
dos planos daquele assalto
Nei Lisboa, 'Telhados de Paris

Porto Alegre acabou:

no abraço compulsório; no sonegado. No ponto morto dos dias, das festas de família. Na tosse compartida, na asfixia. No óxido das grades. No copo azul, solitário, de boca larga (conforme a sede herdada). No piano de teclas áfonas (atraentes a cupins). Na enciclopédia de fomes vermelhas (agora canceladas). No embate adiado. No revólver sufocado. No inexprimido (embora exprimível). No guardado.

Como escapar ao cárcere
do nome?

Todo retrato é autorretrato, e toda tatuagem. Todo escrito é registro e gasto, e é desgaste. Crime é silêncio. Fuga é sintaxe. Fogo fluente de uma cela a outra (de resto, incomunicáveis). Persiste a memória do desastre. A noite desova cadáveres neste quarto de outra cidade. Acolhe a ratazana, em véspera de crias. Presume a clareza do espaço abandonado. Acabou. No abraço encardido, acanhado.

Nasço velho deste abraço.

FÁBIO WEINTRAUB

Tudo

para bia azevedo

estou sentindo tudo
o sangue, o medo, a saudade
a cidade ao redor
os helicópteros, as britadeiras, os tiros
mil cordões, mil fios movendo
a marionete do mundo
tentáculos desta placenta
que se projetam e desprendem
esporos de última hora

estou sentido tudo
todos os cheiros, tremores
escancarada a garganta
vagina, cu, coração
todas as válvulas abertas
contato total
com a luz de fora

tudo
os chatos da fila
o bolso cheio de doces
o trombo na artéria principal
a mulher dos seios de chumbo
o cafuné na peruca
o texto que você recita
ao pé dos meus ouvidos
na hora da despedida
véspera de outro encontro
quem sabe
em que talvez nos vejamos

sabendo quanto foi bom
desta vez, aqui, agora
todos estes anos
em que cantamos junto
desafinando em uníssono
ou compondo um novo acorde
fechado em concha
até a próxima chance

ANGÉLICA FREITAS

quando você viu na tv
aquelas pessoas em fila na chuva
à noite numa estrada
na fronteira de um país que não as deseja

e quando você viu as bombas
caírem sobre cidades distantes
com aquelas casas e ruas
tão sujas e tão diferentes

e quando você viu a polícia
na praça do país estrangeiro
partir pra cima de manifestantes
com bombas de gás lacrimogêneo

não pensou duas vezes
nem trocou o canal
e foi pegar comida
na geladeira

não reparou o que vinha
que era só uma questão de tempo
não interpretou como sinal a notícia
não precisou estocar mantimentos

agora a colher cai da boca
e o barulho de bomba é ali fora
e a polícia parte pra cima dos teus afetos
munida de espadas, sobre cavalos

LU MENEZES

Linhas de navegação

Os marinheiros, eles bordavam.
Por longo tempo foi passatempo
de tais afeiçoados a cordames, nós, velames, bandeiras
– sujeitos a chibatadas neoescravistas contra as quais
rompido o século XX debateu-se o Almirante Negro
que nos legou – atravessado por espada
um coração – sangrando
entre borboletas
flores pássaros
– intitulado
Amor.

-x-

O motivo preferido
da maioria, porém, era "navio".
Gosto de imaginar um marinheiro
bordando nas horas vagas seu navio.

-x-

FÁBIO WEINTRAUB

A rosa púrpura do Cairo

One thing is certain and the rest is lies
The flower that once has blown for ever dies
Omar Khayyám/Edward FitzGerald

ontem nalgum
(deu na tevê)
subúrbio do Cairo
circuncidaram Hedla
aos dez anos

sem medo a jovem
abriu as pernas
(para a lei
não para o amor)
e o cutelo
sem éter
seu clitóris
mastigou

pode a família
erguer-se em cantos
crescer em preces
de vão louvor
pode a polícia
o comércio
a imprensa
contra o cio
balbuciar

pode o camelo
gastar a lágrima
que há meses

vinha poupando
pode o deserto alagar
sem que Hedla se levante

três dias na cama
três dias para que se erga
e feche as coxas
após o saque
(caso não morra de infecção)

três dias
para que o mundo
esqueça o que se faz
às meninas do Cairo:
deusas eunucas
nos haréns do aquém

REUBEN DA ROCHA [cavalodada]

FALANDO POR SI, POR SI MSM, OS SEUS, SUA ÁREA, O PIXADOR É AINDA + O CAVALO DAS ruas, incorporado pela voz plural dos invisíveis, a selva cifrada q pintam juntos na cidade os pixadores: nuvens
de gigantes gafanhotos tipográficos
tintográficos riscogrifogritográficos

estão dizendo doideiras sem ninguém
sacar direito o q dizem: seria de+ esperar
q fosse legível p/ 1 q nada tem a ver c/ o
pixo (1morador 1polícia 1qécontra tlvz)

msm assim os muros falam por todos
basta ir sacando se deixar conduzir
através da camuflagem superposta da
comunicação das ruas: vazão de energia
autônoma q pode falar na voz de qqr 1 q
passe leia se afete se identifique some
ao sumidouro dos txtssssssssssssssssss
incorpore o q descubra ser na voz do spray

o inconsciente coletivo espirra tinta

no movimento de partículas do aerosol

DIRCEU VILLA

A filosofia convence Boécio

boécio acordou certa vez na prisão
com sanguessugas grudando na mente
partida de pranto: as *musas* do verso.
sabia chorar por mil linhas seu mal,
lacrimabilem, mesmo, *eheu* suasório
aos peitos humanos: terror, comoção.
cego a este mundo, de ouvidos repletos,
compunha seu passo pungente de som.
vendo que o aluno viciara no canto,
filosofia decide intervir, queimando
nos olhos a fúria enxuta, de luz e razão.
baniu a doçura plangente das belas
de lábios frutuosos e olhar de oceano,
para sentar o pupilo de novo na pedra
geométrica e fria (feita de régua, avalia).
matou os frutos plantando os espinhos
que espetam a mente com esta questão:
mereço o tormento, é justo este mundo?
"o consolo que pensa é a longa floresta,
não galhos e folhas que impedem a visão".
filosofia estendia seu manto de tanto saber,
e boécio, inquirindo sua fonte de fé e de
sabedoria ia aos poucos tecendo de novo
– como evitar? – sua fala em poesia.

ALBERTO PUCHEU

Poema para ser lido na posse do presidente

Ando pela calçada da rua em que moro,
em direção à Cobal, por exemplo,
onde diariamente compro alguma coisa
apenas para descansar um pouco do trabalho
cotidiano que faço em casa, e,
ao passar por uma pessoa, sou para ela
o que ela é para mim: alguém
que sobe ou desce uma rua, nada mais.
Talvez, neste momento, eu seja
também para mim e ela também para ela
o que somos um para o outro: alguém
que se esquece de onde está vindo
e aonde está indo, de seu nome, de seu trabalho,
alguém que sobe ou desce uma rua, nada mais.
Ou algo mais, ou menos, não sei, que vai
comendo o nome, o trabalho, o parentesco,
as demandas que recaem sobre nós,
largando-os pouco a pouco pelas latas de lixo
penduradas nos postes, deixando-os cair
ao meio-fio, por entre as rodas dos carros,
cumprindo o destino comum de todos dejetos.
Andando pelas calçadas, subindo-as
ou descendo-as, indo ou voltando não importa
para onde ou de onde, enquanto andamos,
desta vez não temos um encontro marcado
com nós mesmos. Mais persistentes
ou mais ausentes, mais barulhentas ou silenciosas,
diversas vidas vêm e vão em um só corpo,
aparecendo sempre alguma quando alguma
é requisitada. Mas há momentos em que,
entre a casa e os ofícios da cidade, entre
qualquer compra, por exemplo, na Cobal,

e o uso da compra ao chegar em casa,
antes de qualquer contrato, de qualquer direito,
de qualquer convenção, do livre arbítrio,
do estado civil, antes do tamanho dos ossos,
do formato da orelha, das impressões digitais
dos dedos, das extensões do rosto, da fotografia
em 3X4 ou em 5X7, das fotografias de frente
e de perfil, antes das imagens exclusivas da íris
e das retinas e dos escaneadores 3D,
das câmeras que nos gravam nos bancos
ou pelas ruas, antes dos DNA's guardados
em algum arquivo nacional, antes da beleza
e da feiura, do código de barras na nuca
– com o qual sonhei ontem – disponibilizando
os corpos a uma máquina que teimasse
em reconhecê-los por um número qualquer
pelo qual jamais nos reconheceríamos,
antes desses e milhares de outros modos
de sermos apreendidos, os ócios vazios
de um corpo abandonado (uma vida nua
ou um posto de pura distração
em que os viventes se fazem esquecidos,
ou quase isto) sobem e descem uma rua,
nada mais. São corpos matáveis, como
ao fim de uma partida de futebol,
como durante um assalto, como na fila
de um hospital, como por bala perdida
ou certeira da polícia e dos traficantes,
como por acidentes, pelas drogas, pela fome...
São corpos gloriosos, como durante
uma partida de futebol, como durante
uma semana de carnaval, como em um show
de rock, em uma mesa de bar com amigos,
em um mergulho diurno ou noturno no mar,
como quando fazem amor ou quando,
mesmo sem o fazerem, se amam
ao longo da vida ou por apenas
alguns instantes. São corpos dúbios,
quando dançam o funk sob a mira
dos AR-15, quando fogem dos tiros

saltando atleticamente por telhados,
caixas d'água, correndo por becos,
quando se explodem na terra ou no ar
contra o concreto de um edifício
ou quando se jogam das alturas
do mesmo edifício. São corpos funcionais,
como nas caixas lotadas dos supermercados,
dentro das britadeiras fritados sobre o asfalto
do sol, dentro da cozinha da minha casa,
ao meu ouvido, na central de telemarketing.
São corpos... São corpos que, em algum momento,
esquecidos, anônimos, sobem e descem uma rua,
nada mais. Subindo ou descendo uma rua,
atestamos então este hiato de desconhecimento
entre o corpo abandonado e as diversas vidas
que o tentam colonizar, entre a vida nua
e as vestimentas vivas que a recobrem,
entre a vida crua e o que dela pode ser cozido,
entre a vida aberta e a vida vivida. Atestamos
a fenda deste hiato, uns emigrantes da distância
neste hiato de que não podemos nos afastar,
uns estrangeiros, uns viajantes, uns forasteiros,
uns gringos, uns bárbaros neste espaço
que se serve das palavras para falar
em uma língua estrangeira, uns índios
neste espaço, nesta picada, nesta clareira,
uns berberes e o vão do deserto esgarçando
os berberes, uns esquimós e o vazio da neve
ampliando os esquimós, uns pescadores
dispersos pela luz, tragados por este espaço
diluído entre a areia e os sóis dos Lençóis,
o espaço em que o explosivo queima
entre a genitália e a cueca do nigeriano
no avião. Atestamos este espaço das palavras
que se servem das palavras para falar.
Apátridas, não temos por pátria a língua portuguesa
nem outra nos seria natural. Nascemos
sem língua, abertos a qualquer jargão
que em nós quisesse se desdobrar, nascemos
sem povo, abertos a qualquer bando

que em nós quisesse se desdobrar,
nascemos sem lei, uns bandidos, uns canhotos,
uns lobisomens, uns burros, uns jumentos,
umas vacas, umas piranhas, uns veados,
umas éguas, umas antas, uns porcos,
umas mulas, umas bestas, umas baleias,
umas cachorras, uns tubarões, uns animais,
uns bichos, umas bichas, umas feras,
uns selvagens, uns fora-da-lei
abandonados a qualquer lei
que nos pudesse governar, abandonados
a qualquer lei que tivéssemos de desregrar.
Sobreviventes, descendemos de uma classe
de épocas perigosas praticamente esquecidas,
exilada da cidade dentro da cidade,
e, mesmo que ser, estar, saudade, cidade,
floresta, rio, mar, sertão, natureza
e outras palavras nos digam intimamente respeito,
navegamos, apátridas, a abertura, o sem,
o não, o nem, o a- que não nos largam.
Por mais que não queiram, trazemos conosco
os espaços vazios a distorcerem as possibilidades
que cotidianamente se oferecem
do que nós somos, do que é a água
do rio, do mar, da cidade, do país,
do mundo, e, por mais que não queiram,
nossa saliva é o suor das palavras não-ditas,
e, por mais que não queiram,
misturamos o separado, trazemos conosco
a cidade e a natureza ferina, a poesia
do dedo que falta na mão do presidente.

GUILHERME GONTIJO FLORES

THE MULTITUDINOUS SEAS INCARNADINE

cruzemos os braços
assim cruzando as ruas
 o teu nome
como um cordão
que pisoteia as avenidas
até migalhas
qual é o teu partido
alguém pergunta
eles não sabem nada
enquanto tomam parte
da situação
quantos são teus nomes

ou são sorrisos
um olho arde
a noite explode nas cidades
ao fim dos rasgos
teu olho arde
é verde ou preto
contra um céu cinzento
e sem catástrofe
meu olho arde
contra o teu
o olho arde
é um cordão

eles só sabem medo
quantos centavos são
eles
e quem são eles
ou quanto somos
eles só sabem medo
porque não cuidamos
não cuidamos de saber
hoje eu te beijaria

você tem nomes
alguém pergunta
a noite explode nas cidades
causando um pânico incendiário
dos telejornais

os braços dados
não será televisionada
os braços dados
quem vai prender
as nossas gargalhadas
os braços
quem cortaria as balas de borracha
quem vai prender as nossas gargalhadas
os braços dados
as nossas gargalhadas
por entre evolações
de gás lacrimogêneo

RODRIGO LOBO

Índio: Poema-Wikipedia

Anita Malfati morreu em 1964
Em 1964 foram lançados
My fair lady
Il deserto rosso, Dr. Strangelove
Deus e o diabo
foram lançados
na Terra do Sol
em 1964
Em 1964 Nicanor Parra
ainda é cinquentenário
A paixão segundo G. H. é de 1964 (e
Herzog
"Herzog",
de Saul Bellow, é de 1964)
Em 1964 os Beatles chegaram
aos Estados
Unidos da América,
os Rolling Stones lançaram
seu primeiro disco, Bob Dylan o seu quarto álbum
Em 1964 Ferreira Gullar está filiado
ao Partido
Comunista
Brasileiro
Em 1964 Martin Luther King recebeu o Prêmio Nobel da
Paz,
Jean-Paul Sartre recusa o Nobel de
Literatura
em 1964 (1964 está sendo um ano
longo, escroto, árduo)
Em 1964 morreram reis gregos,
presidentes e generais do Norte e da faixa latina da América
também estão morrendo em 1964
Em 1964 Cassius Clay teve fé,
se tornou Muhammad Ali
e derrubará – índio e impávido – outro adversário: 1964.

RICARDO ALEIXO

Máquina zero

Quarto dia: entendo q
ue o que preciso, se q

uero mesmo continuar a p
erambular com alguma chance de êxito p

or uma cidade (duas) como Berlim, é
de sapatos de largo fôlego. Caminho (penso e

nquanto caminho), permeável a t
udo: ao frio sol cortante, às crianças t

urcas com seu comércio informal de b
rinquedos usados, à b

eleza sem rumo da adolescente que (longas p
ernas abertas sobre um p

rosaico selim de bicicleta) c
avalga o c

omeço da tarde, aos grafites que "d
ariam belas fotos", à *Topografia d*

o Terror' às ruínas, ao r
asta que me saúda ("R

asta!"), na Wilhelmstrasse, às l
ascas do Muro na vitrine da pequena l

oja, ao a

marelo-zoom do metrô a

pontando na curva a
ntes do teatro, à

História,

JÚLIA DE CARVALHO HANSEN

Passo a manhã calculando a provável altura de um *tsunami*
que viesse por debaixo do morro, me encontrasse sentada
nesta porta de varanda sobre o Tejo.
Não sei, já me aconteceu outra vez.
A onda atravessará os homens pela minha face
fazendo das raízes turbilhão. Os versos também
se fazem assim, procurando
o caminho por onde não podem passar.
Você também tem um *canyon* escondido? Sabe como é
uma terra que se abre em duas e entre elas voam uns pássaros
e nascem coisas
        meu rio de sóis,
eu cego o pássaro do rio pra que ele não veja por onde nos leva.
Todo rio tem um pássaro que vive em si e eu o cego sempre.
Eu cego o pássaro de riso pelos teus olhos que se fecham.
Monto no rio, meu pássaro selado e cego, sem remetente.

LEONARDO FRÓES

A lagoa dos olhares

No fundo, ninguém conhece
ninguém. A não ser por alto.
Mas na hora dos encontros,
quando os litígios se afogam
na lagoa dos olhares,
quando entre dois surge a igualdade
de um ponto de vista ao ponto
sem ônus de animosidade,

nos momentos assim, que até nos ônibus
lotados podem acontecer de repente,
se aos solavancos ali olhos se cruzam
no mais perfeito entendimento possível,

nos momentos amenos em que as pessoas
(uma no mar da outra mergulhadas
por atração ou forte simpatia)
deixam de perceber que se ignoram,
isso é tudo o que podem no tocante
ao que existe para conhecer do outro lado.

Quando nos vemos, de nós embevecidos
na serena permuta de um instante
em que a emoção de viver nos aglutina,
a presença da espécie rarefaz-se, nosso amor pacifica
qualquer onda de susto ou qualquer guerra.

Depois, contudo, cada qual volta ao seu casulo,
solucionando-se, ou não, na solidão.
É bom se ver, distrai se entreolhar
e é ótimo se conhecer, assim por alto.
Ninguém porém entrega a senha do mistério
que é humano ser um só na multidão.

FABIANO CALIXTO

A canção do vendedor de pipocas

em frente ao
Banco de La Nación Argentina
o vendedor de pipocas
da avenida Paulista
desvenda os mistérios do Honda prata
que passa lentamente, soberbo
("coisa mais sem gente!")
pensa na noite crônica no organismo
da tiazinha de vestido florido (onde
predomina o ruivo)
agora assobia e coloca milho na panela
os estouros acordam a minha fome
(no *El País*
El presidente apuesta por las políticas
a favor de los "más olvidados"
y "los que pueden menos" –
risco outro fósforo, acendo outro cigarro,
outra melodia
frustrated incorporated)
quando chega o outro, de bicicleta
noticiando o acidente na Rebouças
("foi feio pra caralho, mano!")
logo envelopa a fala, se cala
a chuva recomeça sua cantilena
preciso das horas, mas não encontro meu celular
uma moça linda (ensopada) pára
em frente a mim,
balbucia
can you help me remember how to smile?
silencio e lembro de uma rua
que tem o nome do meu amor
– imagino que as canções de Bob Dylan

existam para nos fazer suportar dias
como este – a
cidade se altera, oxida de
alteridade e acídia
(La Contenta Bar
está muito muito longe e
a noite passada
você não veio me ver

CLAUDIA ROQUETTE-PINTO

Em Sarajevo

Na primeira foto ela ri,
selvagem,
e se mistura às amigas.
Um ano mais tarde,
posa com as mãos no colo,
coluna reta,
os pés cruzados pra trás.
Por dentro do uniforme pressente
uma mulher, a passos largos,
galgando as ruas de grandes cidades
– quem sabe no exterior.
Quando a vi, ali, distraída,
na escada do ônibus escolar,
nada me preparou para as suas pernas abertas,
no meio a flor dilacerada
repetindo, entre as coxas,
o buraco da bala no peito:
um *dois pontos* insólito.

PRISCA AGUSTONI

Alta madrugada, violaram o segredo da fechadura.
Ninguém percebeu, ninguém acordou.
De orelhas em pé, os gatos andaram dias a fio pelos cantos do quarto.
Pareciam desenterrar o espírito de cada coisa.

Depois, alguns objetos mudaram de lugar.

Hoje ainda as vemos ali, de raspão, as mãos que se foram.
Sombras da vida que passou por aqui.
E grita uma dor no espaço vazio.

A lembrança surge, aos poucos, e devolve algo daquela presença,
um eco que chega atrasado,
e já é outro

estranha forma de nos entregar ao abandono.

ANGÉLICA FREITAS

A mulher é uma construção

a mulher é uma construção
deve ser
a mulher basicamente é pra ser
um conjunto habitacional
tudo igual
tudo rebocado
só muda a cor
particularmente sou uma mulher
de tijolos à vista
nas reuniões sociais tendo a ser
a mais mal vestida
digo que sou jornalista

(a mulher é uma construção
com buracos demais

vaza
a revista nova é o ministério
dos assuntos cloacais
perdão
não se fala em merda na revista nova)
você é mulher
e se de repente acorda binária e azul
e passa o dia ligando e desligando a luz?
(você gosta de ser brasileira?
de se chamar virginia woolf?)

a mulher é uma construção
maquiagem é camuflagem

toda mulher tem um amigo gay
como é bom ter amigos

todos os amigos tem um amigo gay
que tem uma mulher
que o chama de fred astaire

neste ponto, já é tarde
as psicólogas do café freud
se olham e sorriem

nada vai mudar -
nada nunca vai mudar -

a mulher é uma construção

ADELAIDE IVÁNOVA

Mimimi

Pág. 75
"O problema não é que as pessoas lembrem por meio de fotos, mas que só se lembrem das fotos. Lembrar, cada vez mais, não é recordar uma história, e sim ser capaz de evocar uma imagem".
Na foto preto-e-branco, o corpo de ANGELA DINIZ está de bruços, descalço, de blusa e meia-calça, sem a parte de baixo da roupa, sangue na altura da cabeça. ANGELA DINIZ foi assassinada em 1976 pelo namorado, com três tiros no rosto e um na nuca. A foto está online.
Na foto colorida, o corpo de LIANA FRIEDENBACH está num matagal, deitado de costas, calça jeans e camiseta de banda de rock. LIANA FRIEDENBACH foi sequestrada, estuprada, torturada e assassinada com golpes de facão na cabeça e no pescoço, em 2003, por um grupo de 5 homens. A foto está online.
Pág. 80
"Todas as imagens que exibem a violação de um corpo atraente são, em certa medida, pornográficas. Imagens do repugnante também podem seduzir".
Na foto preto e branco, o corpo de CLAUDIA LESSIN está dentro de um saco, nas pedras perto de uma praia. CLAUDIA LESSIN, assassinada por dois homens em 1977, foi encontrada nua com pedras amarradas ao pescoço. A foto está online.
Nas filmagens coloridas, o corpo em cárcere privado de ELOA CRISTINA PEREIRA PIMENTEL é espetacularizado pela mídia brasileira em tempo real. Baleada depois na cabeça e na virilha, ELOA CRISTINA PEREIRA PIMENTEL foi assassinada em 2009 pelo namorado, pela polícia incompetente, pela mídia brasileira e pelos espectadores. Foi tudo transmitido ao vivo.
Pág. 70
"Assim como a pessoa pode habituar-se ao horror na vida real, pode habituar-se ao horror de certas imagens".
Na foto colorida, o corpo de DANIELA PEREZ está de cabelo solto, blusa preta e jeans, num terreno baldio. DANIELA PEREZ foi assassinada por um colega de trabalho dela e sua esposa, com 18 tesouradas, em 1992. A foto está online.

Na foto colorida, o corpo de SANDRA GOMIDE está de bruços, de calça marrom e camisa branca, atrás de um tonel de lixo. SANDRA GOMIDE foi assassinada em 2000 por um ex-diretor de redação do jornal Estadão. A foto está online.
Pág. 95
"Mostrar um inferno não significa dizer-nos algo sobre como retirar as pessoas do inferno. Alguém que se sinta surpreso ou decepcionado com a existência de fatos degradantes ainda não alcançou a idade adulta. Ninguém, após certa idade, tem direito a esse tipo de superficialidade, a esse grau de ignorância ou amnésia".
Nas filmagens coloridas, o corpo de CLAUDIA FERREIRA DA SILVA é arrastado pelo asfalto por uma viatura da PM do Rio de Janeiro, depois de levar dois tiros, no pescoço e nas costas. CLAUDIA FERREIRA DA SILVA foi assassinada pela PM carioca porque era pobre demais, negra demais. O vídeo está online.
Nas filmagens coloridas, LUANA BARBOSA DOS REIS SANTOS denuncia o brutal espancamento que sofreu numa delegacia, para onde foi levada depois de se recusar a ser revistada por policiais homens. LUANA BARBOSA DOS REIS SANTOS morreu dias depois, assassinada pela PM de são paulo porque era lésbica demais, negra demais. O vídeo está online.
Nas filmagens coloridas, DANDARA DOS SANTOS é torturada e espancada por um grupo de homens, em 2017. Usava top amarelo, short jeans e estava descalça. DANDARA DOS SANTOS foi linchada por 12 homens porque era trans demais. O vídeo está online.
Na foto colorida, o corpo de DOROTHY STANG está de bruços, calça bege, camiseta branca e tênis preto, numa estrada de barro. DOROTHY STANG foi assassinada com seis tiros na cabeça e tórax, em 2005, a mando de um fazendeiro, porque era ativista dos direitos dos camponeses no interior do Pará. A foto está online.
Na foto colorida, o corpo de TEREZINHA NUNES MECIANO está de bruços no chão molhado, cabelo preso, jeans, blusa estampada e um machado ao lado. TEREZINHA NUNAS MECIANO foi assassinada a machadadas em Rondônia porque era ativista e líder da Liga dos Camponeses Pobres. A foto está online.
Pág. 76
"fotos aflitivas não perdem necessariamente seu poder de chocar. Mas não ajudam em grande coisa, se o propósito é compreender."
Não há fotos dos corpos de LEIDIANE DROSDROSKI MACHADO, MARIA DAS DORES DOS SANTOS SALVADOR, ZILQUENIA MACHADO

QUEIROZ, LEIDIANE SOUZA SOARES, SAMYLLA LETÍCIA SOUZA MUNIZ, EDILENE MATEUS PORTO e NILCE DE SOUZA MAGALHAES, as outras 7 ativistas camponesas e ambientalistas assassinadas no Brasil em 2015 e 2016.

Não há fotos do corpo sem vida de DORA LARA BARCELOS, que se jogou na frente de um trem em Berlim, em 1976. Anos antes, nas filmagens coloridas, DORA LARA BARCELOS conta as torturas que sofreu nos porões da ditadura militar brasileira. O vídeo está online.

Pág. 63

"o outro só é visto como alguém para ser visto, e não como alguém que também vê".

O corpo de ANA MARIA NACINOVIC CORREA foi fotografado nu, dentro de um saco plástico, de olhos e boca abertos, com o número 3089-72. ANA MARIA NACINOVIC CORREA foi metralhada num restaurante por agentes do DOI-CODI, em 1972. A foto está online.

O corpo de IARA IAVELBERG foi fotografado só de calça, com um pedaço de papel ou pano cobrindo seu torso nu. IARA IAVELBERG foi executada em 1971 por agentes da DOI-CODI. A foto
está online.

O corpo de MARIA LUCIA PETIT foi fotografado pelos militares deitado de costas sobre um tecido de paraquedas, com as mãos sobre a barriga, de calça e camiseta, o cinto aberto, a cabeça dentro de um saco plástico cheio de sangue. MARIA LUCIA PETIT foi executada em 1972 na Guerrilha do Araguaia por um camponês aliado aos militares. A foto está online.

O corpo de MARIA REGINA LOBO LEITE FIGUEIREDO foi fotografado nu, com sangue saindo pelo nariz, boca e olhos abertos. MARIA REGINA LOBO LEITE FIGUEIREDO foi executada na sua casa em 1972 por agentes do DOI-CODI. A foto está online.

O corpo de PAULINE REICHSTUL foi fotografado de camiseta branca, com sangue saindo pelas duas narinas. PAULINE REICHSTUL foi torturada até a morte no massacre da chácara São Bento em 1973. A foto está online.

O corpo de SOLEDAD BARRETT foi fotografado de calça e camisa de botão, no chão, uma poça de sangue do seu lado direito. SOLEDAD BARRETT, que estava grávida do homem que a delatou, foi torturada até a morte no massacre da chácara São Bento em 1973. A foto está online.

O corpo de SONIA MARIA DE MORAES foi fotografado deitado, com um número de identificação, blusa estampada, os olhos fechados, marcas de tiro na têmpora e no maxilar. Antes de ser executada, no DOI-CODI do Rio em 1973, Sonia foi torturada e estuprada com um cassetete. A foto está online.

O corpo de AURORA MARIA NASCIMENTO FURTADO foi fotografado deitado de lado, sem sapatos, com vestido curto claro, coberto de sangue, numa calçada. Aurora foi torturada até a morte no mesmo dia em que foi presa por agentes do DOI-CODI do Rio, em 1972. A foto está online.

1. Ana Rosa Kucinski Silva 2. Ieda Santos Delgado 3. Ísis Dias de Oliveira 4. Jane Vanini

todas da Ação Libertadora Nacional – ALN

5. Heleny Telles Ferreira Guariba da Vanguarda Popular Revolucionária – VPR

6. Maria Augusta Thomaz do Movimento de Libertação Popular MOLIPO

7. Maria Regina Marcondes Pinto do Movimento Izquierda Revolucionário MIR

8. Áurea Eliza Pereira Valadão 9. Dinaelza Soares Santana Coqueiro 10. Dinalva Oliveira Teixeira 11. Helenira Rezende de Souza Nazareth 12. Jana Moroni Barroso 13. Lúcia Maria de Souza 14. Luíza Augusta Garlippe 15. Maria Célia Corrêa 16. Suely Yumiko Kanayama 17. Telma Regina Cordeiro Corrêa 18. Walkíria Afonso Costa

todas do PCdoB

Não há fotos dos corpos dessas que são as 18 desaparecidas políticas no Brasil – e porque não há fotos, duvida-se dos fatos.

Não há fotos de cada uma das 13 mulheres assassinadas por dia, no Brasil, fazendo do país o quinto do mundo em número de feminicídios – e como não há fotos, duvida-se os fatos.

Não há fotos dos 3 anos que a presidenta eleita Dilma Rousseff ficou presa e foi brutalmente torturada – e porque não há fotos, duvida-se dos fatos.

Não há fotos do corpo desaparecido de ELIZA SAMUDIO – e como não há fotos, duvida-se dos fatos.

O que há é uma foto da presidenta eleita Dilma Rousseff impressa em formato de adesivo, para colar na boca do tanque dos carros, em foto-montagem em que ela aparece levantando a saia, com as pernas abertas, para que seja simbolicamente violada por uma bomba de gasolina. Dá para comprar na internet, inclusive.

O que há é uma foto da presidenta eleita Dilma Rousseff sendo perfurada por uma espada, num truque de ilusão de ótica, numa imagem que ganhou prêmio e tudo.

O que é há é uma foto da presidenta eleita Dilma Rousseff assistindo a um jogo da copa, ou seja, se divertindo, numa imagem que foi usada depois na capa da revista Isto É com a manchete “As explosões nervosas da presidente”.

O que há são fotos da presidenta eleita Dilma Rousseff respondendo a 14 horas de interrogatório num processo fajuto de impeachment, cujo nome verdadeiro é golpe.

O que há são inúmeros memes em que a presidenta eleita Dilma Rousseff é ameaçada de estupro e assassinato, é aconselhada a transar mais, e é xingada de "quenga", "sapatão", "mentirosa", "cão chupando manga", "filha dilma puta", "dragão" e sobretudo de "bruxa".

ÍTALO DIBLASI

Um manifesto, nem isso

Hoje é o aniversário da execução
de García Lorca e se alguma coisa
mudou desde então, foi pra pior

eu estou na Central do Brasil
esperando que alguém me ligue
com uma notícia boa

não tenho vontade de voltar para casa
não tenho vontade de ir trabalhar

não tenho vontade de quase nada
e espero me apaixonar nos próximos minutos

há qualquer coisa de perverso em tudo isso

penso em Antônio Conselheiro
e em seu cadáver profanado

a santidade do mundo
é sempre mais perigosa
que qualquer diabo

uma vez o eremita me sorriu
em uma carta de tarô e desde então
tenho colecionado abandonos

ocorre-me que talvez estejamos
vivendo o apocalipse
ocorre-me que talvez sejamos
todos o anticristo

tenho profetizado o fim dos tempos
com uma vontade aguda
de que o mundo dê merda
e quando isso acontece
é quando estou mais feliz, eu me digo,
basta desse teatro – vamos ver
até onde eles estão dispostos
a levar isso aqui

e eles estão dispostos a levar
a coisa bem longe
desde que não tenham que fazer
acontecer com as próprias mãos

quando eu era pequeno a minha avó
matou um porco com as próprias mãos
a mesma avó que me limpava o rabo
e que agora não existe mais

admiro o silêncio forçado dos santos
o perigo mortal de um pulmão que respira

e agora essas crises de riso
que me acometem como o chorar
mas eu sou mais forte que isso
eu lhes digo
eu estou estudando a tristeza
eu sempre fui bom de estudar
eu sempre fui bom em ser triste

há dias em que sinto certo nojo
de ser homem
gostaria que todos menstruassem
para variar

às vezes recordo as pessoas
que amei e me pergunto se elas
estão mais felizes que isso

preciso logo colocar uma filha no mundo

NUNO RAMOS

Depois que ovos e sóis se abriram
(as cascas quebradas
moídas feito areia)

anunciando um dia próprio
pessoal, intransferível
no formato circunflexo do meu rosto

depois que a chuva
envolveu minha figura
como um casaco cálido

e enfrentei sozinho
o veio escuro que unia
dente e olho

foz e química
poça e lume
pus e trigo

com a tesoura que o acaso
quis parasse em minhas mãos
quando parecia

a mim ao menos parecia
a cara bege da areia superada
e um amarelo único

vindo da bota de Van Gogh
inundava os olhos dos cachorros vivos
(estavam todos vivos

agora, e viam, me viam
e a meu amor petróleo
ganindo por eles)

um apito, sim
um apito soou na imensa foice
ou praia.

Basta, dizia
como o de um guarda num campo
de prisioneiros

ou o martelo de um juiz
infeliz
o soco de um idiota

na mea ou a mijada de um lobo
humano.
Fora daqui, dizia

como se falasse em meu ouvido
ao som de uma lixa
tragada na garganta.

A carne
meiga, a grande boceta
a palavra manteiga

o dado transparente
suspenso, ainda em movimento
sem resultado ou sentença

olha
repara
ausculta

essa riqueza sobrante a toda pérola
essa ciência, sublime e formidável
mas hermética

essa total explicação da vida
– tudo se perdeu, bateu
na trave.

Sentiu falta, agora
da velha frase
de um antigo samba

colado ao caramujo
com a morte dentro
que cantava em meu ouvido

desde pequeno.
Sentia falta, é verdade
desse espanto em que sofria

calmamente, quase com conforto
e tentei trinar
de volta um assobio

ou riso, dançar
aos olhos do bedel sonoro
uns passos moles, frouxos.

Mas já velho e navegado
desejoso apenas de contar
os grãos do chão mais reles

de ler com as mãos
o texto que há nos veios
úmidos da árvore

horizontal, disponível
para autópsia
que encontrei na areia bege

de sentir a umidade
subir por meus cabelos
e o marrom quase da merda

contaminar as folhas verdes
de compreender com o olfato
o signo

líquido
das entranhas
desses cães que idolatro

mas sem querer que em mim tocassem
por apreço ao peso imóvel
dos meus pés dos meus braços

e ao sono sólido
etário
claro e matemático

em que já tinha mergulhado
com um repouso de pedra
fincada

já sem medo de afundar ou de quebrar-se
– baixei o meu rosto em estupor
contrariado, como um velho

calvo
colhendo o próprio desagravo.
A chuva amortalhava o céu

Num chumbo azul, fosforescente
caindo explícita em meus olhos
lábios, unhas, dentes

e uma água espessa, só, salgada, quase
sêmen, há muito represada
à comporta das minhas pálpebras

bateu e transbordou, meio quente.
Era uma lágrima
minha lágrima, meu único veio

veraz, descendo inevitável
pela cara, minha cara
escorpião amável

onde os olhos dos lagartos
cachorros e siris
que em sonho e com palavras

apascentara longamente
solitários, agora congelados
aprisionados qual bonecos

de piche, ranho ou lava
oferecidos como réplicas
pálidas

à criança cruel da minha arte
sim, em minha lágrima
refletiam todos

e ainda a própria praia
– cada camada
de areia, raiz, veludo ou velório

e os venenos, peixes, paredes
os gritos da minha tia
quando arrancaram seu olho

e a pele flácida
que têm os velhos e os sapos.
Justapostos, alternados, fantasmas

ou parentes, texturas, corpos sólidos
brilhavam invertidos nessa gota
à ponta do meu queixo pendurada

brilhavam numa glória transparente
antes do tombo em que a lançava
seu amor fiel à gravidade.

E quando caiu, afinal
esse espelho enciclopédico

esse sol de mil reflexos

esse lagarto de mil rabos
em que o dia inteiro se explicava
(ao menos eu achava)

misturou-se à areia
fétida
de um perfume onde a vida se mascara.

E a água de uma onda logo veio
somar um sal mais grosso ao dela
voltando a cena ao que já era.

praia, praia, praia, praia.

TARSO DE MELO

Carbono

No Nordeste faz calor também
Mas lá tem brisa
Mas vamos viver de brisa, Anarina.
Manuel Bandeira

um dia igual aos outros

olhos vermelhos, boca
seca, respiração frustrada
: vivo (treze de junho de

dois mil e um) asfixias,
monóxidos, dióxidos –
sua asma agora é minha

*

poderia falar do azul,
seus resíduos, lugares
que frequenta, outros
– não este sufoco cinza
e sólido, diário suicídio

*

tentando o impossível (num
quadro de magritte) o pintor –
palheta em punho – mulher fora
da tela – atmosfera em que solta
a tinta – perfaz um braço no espaço

*

lua alta, estrela luz na noite
– desconheço a chama, o chão,
a chuva – o ar, um pouco,
enlace de carbono, aperto que
toma meu peito, sua falta

MARCOS SISCAR

Tenho uma árvore em meu peito
meus braços sobem na direção do céu.
tenho uma águia em meu peito.
minha respiração quente sobe. vejo
chuva escorrendo em mim. meus pés querem saltar.
o quanto eu voaria eu voaria.
meus pés fincam raízes no chão.
minha vida em preto e branco finca raízes.
cada vez mais para dentro do chão.
uma roceira chora com as mãos espalmadas em meu peito
uma islandesa me sorri
uma islandesa me sorri sem nenhuma música.
eu respiro palavras.
alguém ouve música. eu voaria.
eu tenho uma nuvem. em meu peito.
mas onde menos se espera
os pés fincam raízes.

WILLIAM ZEYTOUNLIAN

Diáspora

Era 1896
e o poeta Hovhannes Tumanian
olhou o céu do norte da Armênia.
Um pássaro voou e fez pensar
que sua terra era
um ninho destruído.
Fez um poema.

Seu poema esperava na voz de todos
o momento de se tornar pleno –
por pouco não faltaram bocas que o cantassem.
O poema esperou de novo
até que nós chegássemos.

Di-áspora:
sêmen somos e óvulo
lançados de novo à terra –
um dia duvidaram do gérmen:
hoje somos bifurcação incontável.

Di-*áspora*:
como um auspício,
Tumanian leu o futuro
no voo de um grou.

Mas teria imaginado
que entre bananeiras e arranha-céus,
entre catedrais góticas
e os rios de leite da Califórnia
perscrutaríamos
apenas com a memória,
todo o deserto da Síria?

Teria imaginado que
buscaríamos o que fosse,
lasca de osso,
feixe de cabelo?

É verdade:
em cada palavra que uso
em um poema sobrevivemos;
e sobrevive-se em cada maço de ar que inalamos
e que, talvez,
virará palavras.

Sobrevivemos a cada vez que minha avó
dorme numa tarde tranquila;
e a cada instante em que alguém insiste
em aprender esse alfabeto ancestral.

No sofrimento solitário
por pessoas e lugares
que não conhecemos;

quando minha tia Sônia,
já morta,
apareceu em sonho para mim;

em cada caixão que carrega alguém morto
no momento errado da vida;

em cada palavra
em cada sopro
em cada instante
nossos antepassados
estão
entre nós.

RITA ISADORA PESSOA

Galápagos

há que existir um pacto telúrico:
        uma existência de trópico
exige essa consistência turva de
                        sulco.

o processo é doloroso
para aqueles que um dia
viveram
na água

    então,
esse vermelho
tinge o mar todo
em coágulos
    águas-vivas
sanguinárias dançam
rascantes pela praia
    à noite
o seu relevo ulcerado
[a mesma superfície das
    estrelas marinhas]
retine a velha sereia
em sua habitação
          sem som

mas eu
eu não sobrevivo na água,

sou atravessada
por um baque luminoso
de holofote e dor.
perfuro a rocha

e me livro das anêmonas
salgadas
feridas em fúria,
em movimentos circulares,
concêntricos.
atinjo a antecedência da terra,
mas permaneço
em estado de ilha, como em meditação
forçada, como réptil que abdicou da
habilidade aquática,
em desajuste sólido, seco.
uma desadaptação equivocada,
esse desterro primeiro
que precede
a espécie
e o reino.

LUCI COLLIN

Cena muda

eu que era único
e indivisível
agora criei tentáculos
ávidos
que não controlo
roubam vermelhos vivos
que nem sei para que servem
desejam tanto, usurpam
violam cantos sagrados
espalham cinzas
riem
esbofeteiam
cinicamente esfarelam
pedaços lícitos de pão
distribuem as fichas
embaralham cartas
trapaceiam noite adentro
alheios ao meu desconforto
trazem ouro profano para casa
abarrotam mesas
e eu, mudo e multifacetado,
olho a insana riqueza
que meus próprios braços acumulam
e tentando escutar meu vão discurso
não consigo
porque as frenéticas mãos que não controlo
aplaudem ruidosamente

ALBERTO PUCHEU

Apesar de tudo, o impossível

apesar de tudo o que querem, apesar
de tudo já ter sido dito, é preciso dizer
que tudo ainda está por se dizer,
que estou aqui, mais uma vez, para dizer
que ainda resta dizer o que quer que possa
ser dito, que ainda resta o que dizer,
porque querem que nada mais reste
a dizer, querem silenciar o que há
para ser dito, como quem silencia
toda e qualquer impossibilidade que afete
o possível, estou aqui, então, dizendo
que ainda há o que dizer
mesmo que isso não seja dito
com qualquer esperança, digo, mesmo
sem qualquer esperança, mesmo sem medo,
digo mesmo na vulnerabilidade atiçada
que nos constitui, na vulnerabilidade
que, apesar de tudo, nos desconcerta
o medo, levando-nos, apesar de tudo,
a irmos, arrepiados, aonde não iríamos,
que nos dificulta o fato de ainda termos
o que dizer, mas, ao mesmo tempo,
o instiga, instiga o que resta a dizer,
instiga a possibilidade do impossível
a dizer, que, quando dito, afeta,
imediatamente, transformando-nos,
o nosso real, que é esse haver, ainda,
o que dizer, esse haver, ainda, tudo
a dizer, esse haver um resto a dizer
que se confunde com o tudo a dizer,
com o impossível a dizer, com o impossível
a dizer a tornar o impossível possível,

que nos faz estarmos aqui juntos,
que nos faz não termos desistido
de dizer, que nos faz dizer
o que ainda pode ser dito, o que ainda,
apesar de tudo, há para ser dito,
o que, apesar de tudo, resta a dizer,
a dizer, apesar de tudo, o impossível
a tornar, apesar de tudo, o possível
sempre e a cada vez e de novo possível.

LEONARDO FRÓES

O observador observado

Quando eu me largo, porque achei
no animal que observo atentamente
um objeto mais interessante de estudo
do que eu e minhas mazelas ou
imoderadas alegrias;

e largando de lado, no processo,
todo e qualquer vestígio de quem sou,
lembranças, compromissos ou datas
ou dores que ainda ficam doendo;

quando, hirto, parado, concentrado,
para não assustá-lo, com o animal me confundo,
já sem saber a qual dos dois
pertence a consciência de mim —

— qualquer coisa maior se estabelece
nesta ausência de distinção entre nós;
a glória, a beleza, o alívio,
coesão impessoal da matéria, a eternidade.

JÚLIA DE CARVALHO HANSEN

Criar raízes é o mesmo que fazer órbitas.
Desenhar o resto da água
que se abanca em gelo nos polos
ou a cobertura de musgo
que vive na sombra
e com o vento não se arranca
embora movimente
sutilmente
quando chove.

Oferecer o próprio corpo a ser
arbusto e água corrente
vento já não sei
o que engloba
o que me olha.

JOSELY VIANNA BAPTISTA

Ostro

> *[...] recorremos aquel lago bermejo,*
> *de condenados sitio doloroso.*
> Dante, via Roa Bastos

sigo o trilho estreito
entre verdes e pretos
que o escuro confunde
no arvoredo

vejo, entre os tufos
o rio turvo, seu rumor
salobre entre arbustos
o leito fundo
que desce
lento

insetos secos
e gravetos

no veio brusco
em que os juncos
emboscam

ciscos e detritos
de novo encontro
(sono sombrio)
os círculos de lodo
em teus olhos
o contorno tosco
de teu corpo
sem nome

(o rosto
um esboço fosco
de barro e emplastro
de borra e mosto
– hibiscos
murchos
estames
hematomas)

ANNITA COSTA MALUFE

estrelas de outros países estrelas constelações distâncias
escrever estrelas de outros países buscar o ponto em
que falam estrelas e bifurcam-se ensaios arroubos
discursos falas funções perdidas lapsos busco estrelas
povoo busco estrelas de outros lados mudar o lado a
direção o ponto em que minha fala encontra a tua fala
escutar entre uma estrela e outra o silêncio o insondável
refúgio o ponto em que o insondável refúgio do
silêncio pulsa nas palavras a minha fala a tua função a
tua fática função retomar o ponto em que posso
escrever estrelas ouvir outros países constelações em
que posso bifurcar discursos perder a sintaxe a distância
meus arroubos a tua conjuntura perder a função
perder reencontrar refrear outros países espere
este é o ponto em que a linguagem falha o ponto em que
estrelas falam
o insondável silêncio entre uma estrela e outra
posso ouvir agora
espere não se vá

(ainda não posso ouvir teus passos
seguro a respiração no primeiro degrau da escada)

posso soletrar em silêncio
este medo
embaixo da escrivaninha
ou num canto perdido da sala
não se vá
não se esqueça

(uma espera diante do telefone
mudo)

o insondável silêncio entre uma estrela e outra
posso ouvir agora

espere
não se vá

MARIANA IANELLI

Em memória de Hilda Hilst

Pediste luz
Mas o que realmente
Terá te trazido esse dia?
O enigma ecoa numa voz antiga.

Existência monástica a tua,
De atirar-se ao sumo do mínimo.
Convicção de teu corpo
De que pela mente melhor se caminha.

(Houve luz nesse dia?)
As paredes, cansadas de estar sempre hirtas, ruíram.
Se querias abrigo, que tuas mãos te cobrissem.
(Mas na luz o que viste?)

De súbito mais nada era teu.
A selvageria das horas
Arrebatou os teus poucos requintes,
Livrou-te dos desperdícios.

Os ponteiros retrocediam.
De vidas perfeitas, que te restava?
Das plantas, seu látego, dos porcos, a pocilga.
Uma peste de rosas, antúrios e orquídeas.

– *Conhece teu próprio jardim*
E terás a sabedoria do mundo –
Um deus te dizia, entre risos.
E o teu jardim era o antro das noites.

Tua noite, o ocaso das expectativas.
Já não te detinham as encruzilhadas,

Na calmaria ou numa algazarra de sóis
Amparavas-te em tua própria companhia.

Na assembleia interior do verbo sem origem
Davam-se as mãos o louco, o mestre e o pontífice.
Foste senhora desse verbo
Porque o invocaste como quem o possuísse.

E quanto te honrou uma estrela maldita
Além da vista de teus tristes fantasmas,
Além da indigência de tua força física?
Talvez luz, nesse dia de cinzas. Talvez a visão do inaudito.

EDUARDO STERZI

No túmulo (honorário) de Dante

onorate l'altissimo poeta

uma língua
feita
de

   (babel de turistas
) *inferno*

purgatorio
paradiso

   (passa
   apressada
   pela tumba

   – honorária –

   do poeta)

   (não há ossos
   ali
   mas
   um corpo
   vivo
   caminha
   pelas ruas
   e bocas
   de um país:
      uma
língua-dente
   digo,
     dante)

Firenze, 4.12.96

PAULO HENRIQUES BRITTO

Biodiversidade

Há maneiras mais fáceis de se expor ao ridículo,
que não requerem prática, oficina, suor.
Maneiras mais simpáticas de pagar mico
e dizer olha eu aqui, sou único, me amem por favor.

Porém a quem se preste a esse papel esdrúxulo,
como a quem não se vexe de ler e decifrar
essas palavras bestas estrebuchando inúteis,
cágado com as quatro patas viradas pro ar.

Então essa fala esquisita, aparentemente anárquica,
de repente é mais que isso, uma voz, talvez,
do outro lado da linha formigando de estática,
dizendo algo mais que testando, testando, um dois três,

câmbio? Quem sabe esses cascos invertidos,
incapazes de reassumir a posição natural,
não são na verdade uma outra forma de vida,
tipo um ramo alternativo do reino animal?

NUNO RAMOS

Há uma lagoa de palavras com um óleo por cima, impressas a giz, mas não consigo lê-las; uma música cheia de outras músicas; bichos mortos e sensação de que aquilo não é um cenário. Algo me espera ali. Um sentido profundo que deve por isso mesmo interromper os demais sentidos superficiais, impondo-se e transformando (daí o medo) o passado em bobagem (em versões insuficientes diante desta nova). Algo está para ser dito (quando, por quem?): uma versão triunfal, que mostrará o fracasso completo de todas as outras. Não posso deixar de acreditar nela. E se não acreditar, pior: esta última sentença, já tão severa, se transformará num momento apenas do grande fracasso. Será, ela também, insuficiente e passageira (portanto ainda otimista), contaminada negativamente pelo grande acerto de contas. O terror abre-se assim, como uma alcachofra, em camadas sucessivas rumo a um centro sempre adiado e cada etapa, cada revelação, é somente a infância do terror futuro e completo.

LU MENEZES

Escafandro para Narciso

No século das luzes, assombrou um luminar da razão
que até no fundo do oceano, "onde o olho humano
raramente chega",
chegasse a beleza
Hoje
com nosso olhar extra-humano
em troncos rochas seixos nuvens,
em vasos sanguíneos
mergulhando
fundo
— tão fundo que via mapas
de Sherazades-geômetras
chegamos
ao âmago, aos mananciais
de arabescos fractais —
hoje mais
que a própria
serpenteante
beleza recém-nascida
(proliferando sob medida
de transbordante em transbordante
represa incontida)
intriga é que ela ostente
a cada autossemelhante
salto da sua
correnteza de surpresas,
essa razão
inesgotável, uma razão
obsessiva
como se
não de um século, e sim
de todos, de tudo
do "duro cerne da beleza"
jorrassem já as luzes

LIV LAGERBLAD

os alicerces estão cravados em barro
enquanto a hipnose desaba suas pálpebras
você que opta pelo asco ao mundo –

uma assepsia

depois que caíram as bombas sobre o telhado
restaram lacunas sustentando telhas e tijolos
olhei com tédio os teus olhos – torci os lábios
// não havia mais nada

teu choro convulso reverbera ambíguo
a distorção de signos que ofertei

embebido em nojo diante da víscera exposta
que convulsa como teu choro

sanguínea – era a vida

PRISCA AGUSTONI

respira-se debaixo d'água
como as baleias

a cada movimento
a calmaria do oceano
que ondula

a cada respiro, um segundo,
um só
de vida marinha
no aquário preso entre as quatro paredes

e o livro, quando aberto,
se torna faísca, flash,
    farol

luz neon
reverberando de azul
o teto o chão o ar até no fundo
de nossos olhos

nessa piscina que é o prédio
e todos nós dentro dele
mergulhados na noite

MICHELINY VERUNSCHK

Arrecife

Desse ponto
partem distâncias imaginárias
que contam
das reais distâncias entre nós.
Um homem posto
à frente de uma janela
é o fantasma de si mesmo
suspenso por linhas
e cores improváveis.
Somos ele
e ele é todos nós
como se não fôssemos
(ainda)
a cidade
em seu entorno.
Somos ele
e seus ombros caídos.
Somos ele
e seu rosto roído pelos peixes.
Somos ele
e as ruas estreitas
que o cortam
e que nele se empalam
como postes
travas
e outras saudades sem sentido
(como qualquer outra saudade).
Uma estátua
observa
a constelação das águas.
Sua roupa cinza
se agita

e veste por um instante
a pele nua do rio.
O homem se agita
e com ele
a cidade costurada
em nossas carnes.
Tudo cabe num selo
ou num trago de cigarro.
Tudo cabe no verde
mais próximo do branco.
Tudo brada:
relógio ensandecido.
Somos o real
e nada somos.
E isso é tudo.

MARCOS SISCAR

História da gravidade

1. O teto da igreja era um campo de flutuação Jesus e os anjos vaporosos pairando entre nuvens. Nunca um horizonte tão alto seres tão corados e imunes à vertigem. Visto do chão o teto prescreveria a vertigem a humanidade recusada pelos anjos. Pois naquele parapeito todos se debruçavam.

E ninguém se admirou muito que depois de terem ensinado as leis da gravidade não tenham regressado de seu passeio no ar (Celan).

2. Do chão é melhor não tirar os olhos pois é lugar de poço moeda falsa pedaço de vidro. E é por andar com os olhos na terra que o mundo é cogitado em seu mínimo contexto. Não aquele visto da altura apropriada a torre prometida por tal filme de Jasny. Subir em árvore vem da surpresa de mudar de escala.

3. No delírio a navegação era arriscada e só o céu era vasto. Dali subíamos involuntariamente pairando acima das cabeças como num passeio de Chagall. Foi então que o coração disparou com tantas luzes e novamente a vertigem. Dê-me seu braço para segurar segure minha mão não me solte não me solte não me solte meu amor.

4. O barco é um aparelho de flutuação ele ensina que o fundo está bem mais embaixo. Na ignorância da altitude sob nós (Deguy). O barco que afunda é a parte do enredo mas na seca seu retorno nos devolve o poema uma hipótese de flutuação. Nada garante que o empuxo não se rarefaça que não nos percamos uns dos outros emborcados a boca cheia de terra.

CLAUDIA ROQUETTE-PINTO

Desprego as estrelas,
deixo que elas
rolem céu abaixo
soltas de seu facho
frio, iridescente,
ricochete rente
ao chão adormecido.
Cobres,
estrelas de pobre,
moedas
que dobram na queda,
vão metal.
O mesmo que falta
às nossas mais altas
intenções, e nos deixa
(é sempre a mesma queixa)
nesse vai-da-valsa:
com as mãos repletas
de palavras certas,
de moedas falsas.

LEILA DANZIGER

Desejo apenas o que há de mais inútil
em seus arquivos –

certificados de garantia
de todos os eletrodomésticos
obsoletos

manual da Kombi de 1970

pocket books
(tantas capas de naufrágio)

dezenas de fitas magnéticas
com camadas de ruídos
em tempo longuíssimo.

Leio 30 anos de nossas vidas
em fichas de débitos
e créditos –

estou ali, no centro
de seus mundos
em extinção.

Recolho promessas de sua língua
da infância –
calcinações do solo perdido
e prospectos intactos na língua
renascida (alef-beit
incandescente).

Reviro blocos de décadas
cuja integridade
se rompe ao meu contato

e entendo –

brinco de céu
e inferno
com os objetos

sou o Além
das coisas
remotas.

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Les hommes-bêtes
(notas para um etnógrafo)

1
rito de nascimento:
o ramo de ouro
as minas de prata

apesar do autor, o texto se arrisca para não
colher enxertos à sua margem, o texto seta
não funda colmeias nem países (com
adjetivos), desarma o lacre e a fábrica de
belas artes, para quem não basta o miolo ou
a carcaça, o texto sugere o alarido da ostra

2
rito de iniciação:
o ramo de ouro
as manias do rapto

apesar do texto, o autor contém a ira ante
um mercado de erros, lê como se extraísse
a casca de um orifício, (sem armas) o autor
se arma ainda que a função não o obrigue:
estão fartas as peças que imprimem letras,
embora autor e texto insistam no marco
zero de suas medidas

3
rito de fertilidade:
o ramo de ouro
as moedas no caixa

apesar da escrita ou qualquer suporte, autor
& texto suportam a linguagem e a língua.
se algum desvio torce-lhes a superfície,
autor & texto vêem aí as coisas e dizê-las
(em palavra som imagem corpo) é uma
questão entre outras, autor & texto
negociam o abismo ou melhor: a montagem
para trazê-lo às retinas

4
rito de puberdade:
o ramo de ouro
a miríade falsa

apesar do leitor, autor e texto deflagram as
cápsulas do sentido, as máscaras do leitor
têm na luta o sinal de boa vontade, suas
garras vão ao texto como dardos à fruta: o
que mordem não é carne, mas o que estando
ausente se fere ainda mais. diante do leitor
não há caixa-forte: se a forjassem, autor e
texto fariam (quando muito) uma chave às
avessas

5
rito fúnebre:
o ramo de ouro
os foles da palavra

apesar dos pesares, autor e texto atiçam as
hélices como se um — por não ser linha-
gem sem o outro — expirasse à beira do livro
(objeto para não conter guelras nem
acidentes), nome que se desse ao texto e
seu autor não faria o livro nem a pági-
na de rosto com que este nos ilude: para o
autor e o texto, a memória é um imposto
que se cobra a si mesmo

ANA MARTINS MARQUES

Mesa

Mais importante que ter uma memória é ter uma mesa
mais importante que já ter amado um dia é ter
uma mesa sólida
uma mesa que é como uma cama diurna
com seu coração de árvore, de floresta
é importante em matéria de amor
não meter os pés pelas mãos
mas mais importante é ter uma mesa
porque uma mesa é uma espécie de chão que apoia
os que ainda não caíram de vez.

DIRCEU VILLA

Coisas que se quebram

mecanismo de relógio:
manejo a pinça
& cuidado,
patas de inseto: cílios
com pegadas;
pequeno, tudo parte
& corre risco, coisas
que se quebram.
& como, tão
quebrados & partidos
não contamos
os resquícios, apegar-se
a todo vício de
viver:
o que sei o
que amo, frágeis
elos da cadeia, mí-
nimos confortos
de uma idéia & tão
no entanto
humanas
coisas que se
quebram,
que se não se sabem
ou se respeitam
pactos
como esses, micros-
cópicos, não
germina amor nem
nada bom
deriva disso, tão minús-
culo impreciso de-
licado
ajuste.

ÉRICA ZÍNGANO

eau de paris

https://www.youtube.com/watch?v=jXq3x9Kvvi8

MARÍLIA GARCIA

Paris não tem centro

4. [*miragem com Lu Menezes*]

um dos últimos dias de dezembro
e esse poema termina
no café matisse

dessa vez
não sou eu que está lá
mas a lu menezes
que acabou de me escrever uma mensagem
contando da cidade branca

ao terminar o poema aqui
ele tem a duração
de um ano
pode começar e acabar na
neve
pode começar e acabar no mesmo
lugar
no mesmo ponto
uma fresta por onde tudo escapa
nunca pensei que esta cidade
cheia de riscos
pudesse se transformar numa cidade
branca
um borrão branco
congelado
onde a memória se estende

um dos últimos dias de dezembro
e a lu vai caminhando
passeando pelo 9
arrodissement

ainda não sei se ela vai

conseguir ver a
gioconda do e. mérou
e nem saberemos por enquanto
mas ela sobe a rua notre-dame-de-lorette
até a esquina da
rochefoucauld
entra no café matisse
tira sua elegante capa preta
e se senta
numa mesa ao fundo
ela sorri
para as gêmeas no balcão
e pensa que elas se parecem
com os jardineiros
de *wonderland*

então
a lu pede um café
com creme inglês
ela sabe o que é o creme
inglês
e a lu olha distraidamente
para fora
pelo vidro do café
e nesse momento
ela me vê parada do outro lado da rua
estou em pé na faixa de pedestre
esperando para atravessar o sinal
e dou um *goodbye*
na sua direção
ela me vê
e acena de volta

desta vez
não estou mais
em busca da gioconda
estou indo encontrar a lu
para desaparecer com ela
em alguma miragem
desta cidade branca

POS
FÁC
IO

uma conversa

(entre Sergio e Gustavo)

SERGIO MACIEL – Eu tenho pedido aos poetas que tenho entrevistado para falarem um pouco sobre a produção da poesia que lhes é contemporânea, ou seja, para que eles digam como veem a produção de seus pares. Farei, aqui, portanto, a mesma pergunta: como você vê a produção atual da poesia no Brasil? Peço que você faça um breve panorama da nossa produção poética contemporânea.

GUSTAVO SILVEIRA RIBEIRO – Bem, em primeiro lugar, preciso dizer que faço coro com aqueles (poetas, críticos, leitores) que acreditam que vivemos hoje, no Brasil, um período de vitalidade na poesia. E digo isso tanto do

ponto de vista da qualidade daquilo que é produzido, do interesse crescente de leitores e editores pela poesia e do número cada vez maior de autores, coletivos e oficinas atuando no país. Todo esse conjunto multifacetado de coisas, que certamente não é homogêneo e se encontra atravessado por inúmeras fraturas e clivagens, por contradições e tensões as mais variadas, forma o que podemos chamar *a cena da poesia brasileira contemporânea*. E essa é uma cena, no entender de um número razoável de pessoas, pujante.

A riqueza do momento em que vivemos talvez possa ser medida assim: temos, em três frentes distintas e ao mesmo tempo complementares, sinais de vida complexa, de movimento: a) os mestres do passado, os autores que francamente pertencem a outros contextos históricos continuam a produzir, e bem, no momento presente - muitas vezes até respondendo a demandas estéticas do contemporâneo, estabelecendo diálogos com o nosso tempo 'saturado de agoras' (para dizer com Octavio Paz): é o caso, me parece, de nomes como Augusto de Campos e Leonardo Fróes, por exemplo, ou ainda Armando Freitas Filho, Adélia Prado e Francisco Alvim, ainda que estes últimos em chave menos interessante e viva, menos aberta a diferenças em seus projetos pessoais. Por outro lado, há também b) as poéticas e vozes que se consolidaram e continuam a se desenvolver, sem ter alcançado, no entanto, a solidez canônica dos nomes antes lembrados, e a estabilização que ela também implica. São obras que, já possuindo certo lastro experimental, certa rodagem, ainda permanecem abertas à invenção e à procura, sem contudo renunciar à construção mais ou menos coerente de uma dicção, de um projeto muito particular: é o caso, talvez, de nomes como Age de Carvalho, Lu Menezes, Paulo Henriques Britto e Guilherme Zarvos, por exemplo, ou ainda de autores um pouco mais jovens, mas cuja obra já se encontra firmemente assentada, expandindo-se tantas vezes para novas direções: Carlito Azevedo, Josely Vianna Baptista e Ricardo Aleixo, certamente. Talvez valesse a pena incluir nessa lista Claudia Roquette-Pinto, ainda que em seu percurso a construção de novos caminhos seja menos interessante - para a sua própria obra, para a própria cena da poesia - do que os demais. Depois disso, na massa enorme de autores surgidos nos anos 2000, muitos projetos de interesse se apresentam, com destaque, no entanto, para c) algumas vozes específicas que, insistindo em pesquisas estéticas muito conscientes de si e em diálogo crítico com a produção imediatamente anterior, conseguiram abrir espaço e repercutir no conjunto da cena da poesia, tornando-se mesmo referência para os novíssimos que surgem. Não se trata, claro, de buscar filiações e linearidades, mas não deixa de ser um critério interessante observar como poetas que têm, em média, 15 anos de atividade já conseguem impactar a produção seguinte, os textos que hoje surgem: é o caso, se afigura a mim de modo muito claro,

de Fabiano Calixto, Ricardo Domeneck e Marília Garcia. É quem sabe o caso também, ainda que com repercussão menos nítida, passando por outras esferas (como a Universidade, por exemplo, ou os circuitos da tradução e das oficinas literárias) de Tarso de Melo, Annita Costa Malufe, Dirceu Villa, Alberto Pucheu e Mariana Ianelli – os dois últimos um pouco mais velhos, sua produção recuando ainda à década de 1990.

Diante desse quadro de referências contextual, tendo-o mesmo como pano de fundo, aquilo que se pode chamar a *poesia brasileira contemporânea* se desenvolve. Escrutinar as suas muitas tendências não é tarefa fácil, dado o volume considerável de autores e perspectivas criativas de alguma relevância. Não gostaria de reunir os poetas em diferentes grupos, por outro lado, por acreditar que, em que pese o caráter didático do panorama que se pode desenhar a partir desse método crítico, muita coisa também se perde ou oblitera. Me resta, nesse sentido, apontar para trabalhos individuais que, surgindo e se desenvolvendo nos últimos anos, isto é, no horizonte do nosso presente imediato, se destacam pela busca de traçados particulares ou o refinamento de soluções e respostas poéticas a problemas (técnicos, expressivos, éticos) anteriores. Entre os poetas que publicaram há pouco (ou que trilham perspectivas incomuns na trajetória de um livro para o outro), destaco seis nomes – quatro já publicados, com livros circulando, e dois deles, os últimos dessa pequena sequência, produzindo intensamente a partir de outros formatos e suportes, as artes visuais e os modos da performance, ambos (quase) inéditos em livro, por assim dizer. Penso em:

Reuben da Rocha – *cavalodada* – como o construtor de uma poética singular: dilacerado produtivamente entre a performance e a colagem, seus livros e intervenções artísticas misturam o interesse pela pesquisa na dimensão visual do verso e do livro (melhor seria quase trata-los como objetos-literários), recuperando experiências como as de Augusto de Campos e **Guilherme Zarvos**, em especial a questão dos grafismos, com, quem sabe, procedimentos de **Valêncio Xavier**, nome mais associado à prosa de ficção mas que produziu literatura de alta voltagem experimental e afetiva com recortes, montagens, sobreposições de imagens e textos da cultura *pop* e da comunicação de massas. A dimensão política dos escritos de Reuben é evidente e aponta para uma das tendências possíveis do nosso presente poético, na medida em que coloca num mesmo plano a explosão do livro (enquanto objeto-referência para a produção poética) e o questionamento das formas de controle de uma sociedade midiática e administrada. A série em seis partes *Siga os sinais da brasa longa do haxixe*, por outro lado, recupera uma dimensão histórica que parecia menos presente em seu primeiro livro e mesmo em certas performances: ali se projeta o desterro

das populações indígenas e a catástrofe ecológica, trazidas à tona num texto-deriva, a um só tempo ficção científica, relato de experiências próximas ao *situacionismo* com a escavação, dentro da língua e da tradição, de modos de expressão outros.

Leila Danziger é um caso curioso, porque a sua dicção, as escolhas formais mais visíveis da sua poesia apontam para o coração do modernismo brasileiro (nesse sentido como também **Ana Martins Marques**, por exemplo, ainda que, na poeta mineira, a chave seja francamente mais conservadora), desenhando uma poética que poderia ser lida talvez como epigonal. No entanto, não é o que acontece: a proximidade da autora com as artes visuais, onde construiu carreira sólida, a estreia tardia (depois dos 50 anos) e o conjunto de questões mobilizadas pela sua poesia fazem com que reste nela, sempre, um quê incômodo, uma espécie de conta que não se fecha jamais: voltada para a elaboração do luto (pessoal e coletivo), ligada ao discurso teórico das artes plásticas e a uma tentativa de recuperação muito consciente do sublime, a poesia da Danziger torna-se singular pelo coeficiente elegíaco que a marca, assim como pela experimentação discreta que a atravessa, confluindo, como dito, com o universo da teoria e da crítica de arte (encontrando companhia, apesar dos elementos que as distinguem, no *Os corpos e os dias* de **Laura Erber**), numa poesia que passa muito pelo plurilinguismo e pela relação com o arquivo, com os pedaços e destroços do mundo que habitam – e estranham – o corpo dos seus poemas.

Guilherme Gontijo Flores busca, de livro para livro, modos de expressão, restos de uma voz que, dispersa, não parece ser possível encontrar em um só lugar ou assentada sobre um conjunto limitado de procedimentos. É um poeta que parece ser vários ao mesmo tempo: a sequência dos seus quatro últimos livros: *Brasa enganosa*, *Troiades: remix para um próximo milênio*, *L'Azur Blasé* e *Adumbra* (além do anúncio do próximo volume, *Naharia*) desenham um projeto múltiplo e inquieto, muito embora reconhecível a partir de uns poucos traços comuns: um uso muito particular e moderno da erudição, do domínio de línguas e poéticas clássicas; a presença do humor e de um senso corrosivo de autocrítica (ainda que seu primeiro livro, como bem apontou **Pádua Fernandes** – bom poeta e excelente crítico de poesia – semelhe às vezes um "bazar de poéticas", uma coletânea de primeiras experiências ainda pouco maduras e carentes de um projeto mais claro); a confecção de uma poesia pensante, que trata questões complexas da filosofia antiga e moderna com a desenvoltura da linguagem coloquial, a sem-cerimônia da conversa entre amigos, mas sem tornar mais leve a perscrutação conceitual; e, por fim, o atravessamento dos textos pela tradução, vista nesse projeto como modo de expandir a própria

língua e fazê-la estranha (aqui há muito do projeto de **Haroldo de Campos**, creio), bem como seccionar a indiferença da linguagem poética, fazendo-a verdadeiramente desterritorializada e política, na medida em que é, ou parece ser, sempre menor, dura, linguagem de combate.

Liv Lagerblad possui uma dicção muito própria, mas difícil de definir, o que se explica talvez pelo aspecto incomum de sua relação com a sintaxe e o corte do verso. É uma poética de interrupções bruscas, certas derivas às vezes incômodas, e de afetos urgentes, tensões quase explosivas. A técnica do verso, a cesura e a versificação usadas por ela causa um efeito de descompasso e de suspensão da lógica da frase. Não se trata de elipses de gosto moderno, sofisticadas e sutis: são negaceios brutos, pausas e acelerações atípicas que surpreendem e desconcertam. Não publicou tanto, mas deixa ver uma energia bastante grande: as imagens que mobiliza em poemas como "depois de dias líquidos" (publicado no terceiro volume da coleção *Kraft*, da editora *Cozinha Experimental*) são intensamente líricas e algo *gore*, repletas de vísceras e delicadeza, tudo de mistura. O descompasso sentido na leitura dos seus textos se deixa ver também na textura dos temas que mobiliza, que vão do seu mundo cotidiano aos volteios da imaginação e do delírio. Como **Ítalo Diblasi**, mas sem o mesmo entusiasmo de imagens feéricas e versos alongados, próximos da dicção *beat*, ela produz uma poesia do desejo – violenta, sussurrante, perturbadora –, não deixando com que o desejo se confunda com o sexo ou o impulso erótico, apenas: desejo é lacuna, falta, fala descontínua que não quer, ou não consegue, parar.

Rodrigo Lobo vem experimentando texturas e vozes, modos de escrita e formas de veiculação do texto poético. Ainda que tenha publicado em revistas como a *Modo de usar & co.*, é quase um autor privado. Isso só não se confirma de todo porque ele vem realizando, nos últimos dois anos, trabalho junto ao selo *treme-terra*, criado por ele e pela artista plástica Camila Hion. A partir dessa plataforma, fixado nesse palco específico ele pode dar alguma visibilidade às pesquisas estéticas que vem realizando. A principal delas tem a ver com a mistura muito curiosa entre poesia e visualidade: a leitura do legado da poesia concreta e da poesia experimental produzida nas últimas décadas (**Augusto** e **Haroldo de Campos**, **Waly Salomão**, **Torquato Neto**, **Ricardo Aleixo**, o chileno Raúl Zurita) se combina nele com a atenção demorada à obra de artistas plásticos que percorreram ou ainda percorrem o território comum que há entre o texto poético e tela (e o além-da-tela): **Leonilson**, **Arthur Bispo do Rosário**, a também chilena Cecilia Vicuña, entre outros, lidos aqui também como poetas. Essa genealogia ambígua ajuda a situar o que se pode ver em trabalhos como o

projeto de *Tatuagens complicadas do meu peito*, os poemas-objeto (poemas-tecido) *Lances* e a série *Matagal*: em todos esses trabalhos, o autor explora as fronteiras entre o artefato plástico e o poema, a linguagem telegráfica da internet e da comunicação de massas de nossos dias, bem como as possibilidades expressivas abertas pela antipoesia. A dicção inspirada e profundamente emocional se conjuga nos trabalhos de Rodrigo Lobo com a cerebralidade da construção, resultando em textos nos quais se pode sentir, inseparáveis e de modo bastante único, os últimos ecos da vanguarda e a entrega afetiva que, quem sabe, é possível encontrar também, em registro diverso mas comparável, nos livros de **Ricardo Domeneck**.

Érica Zíngano habita também, como muitos poetas experimentais do presente, a fronteira incerta entre as artes plásticas e a literatura. Sua produção é atravessada, de um lado a outro, do cruzamento entre as áreas, da frequentação contínua da palavra como imagem e como dado disparador de uma cena ou processo artístico. Participou de várias antologias e foi publicada em revistas literárias no Brasil e na Europa, tem pequenos livros feitos (de circulação restrita, às vezes pura exposição) a partir da poesia: *fio, fenda, falésia* (com Renata Huber e Roberta Ferraz); *Pé-de-cabra ou Rabo de Baleia – eis uma Dúvida cruel!* e *Hello, Goodbye* (estes últimos, de fato, livros de artistas), todos elaborados a partir de encontros e parcerias, num processo de construção coletiva que já apresenta elementos de referência de sua poética: a escrita como resultado de agenciamentos e *happenings*, o deslocamento da autoria e da individualidade, a poesia como forma de intervenção e distúrbio público etc. Seus textos dialogam secretamente com procedimentos visíveis, entre outros, em nomes como **Angélica Freitas** e **Ricardo Domeneck**, além de Sophie Calle, mas são nos territórios ainda incomuns (na cena poética do país) do vídeo-poema, da instalação e dos *action/writing* que o melhor do seu trabalho emerge. Peças como *The city as a câmara oscura* e *câmara de gelo*, por exemplo, mesclam diferentes técnicas e linguagens, num movimento expansivo feito a partir da poesia, em direção a ela, mas expandindo sempre os seus limites. No trabalho *caixa-d'água/eau de paris* encontra-se, em sobreposição, o poema, a performance da leitura, a colagem sonora – vozes que se interpenetram em línguas diferentes, colocando em foco também a questão da tradução – o vídeo e o objeto artístico, uma pequena caixa de plástico cheia de água, da qual vão sendo retiradas e montadas letras soltas que formam uma das partes da expressão-título. A existência precária do texto e da experiência, como aqui se vê, são índices de um certo modo de conceber e produzir a poesia, origem e abismo dos trabalhos de Zíngano e de vários outros de sua geração, nosso tempo.

SM – Esse seu breve panorama é importantíssimo, Gustavo, sobretudo como resposta a uma certa parte da crítica, um tanto lamentatória e saudosista, que insiste em afirmar que não há poesia interessante no presente. É curioso que, como já disse Guilherme Gontijo Flores (clique aqui), talvez estejamos vivendo um dos momentos mais impressionantes na poesia brasileira, com uma potência de poéticas muito variadas, capazes de conviverem. Num ensaio meu – ainda inédito –, considero que 'a poesia contemporânea é, forçosamente, o *καιρός* (kairós) de todo leitor-crítico e que ela figura, sempre e repetidamente, como a mais áspera dentre as literaturas. Afinal, sem as rodinhas dos comentadores, da fortuna crítica e de tudo o mais que possa existir, é precisamente no embate árduo e penoso com os textos que, mais do que nunca, se espera a produção de uma *κρίσις* (krisis) por parte desse leitor'. Ou seja, aquilo que quero saber é: como, para você, diante desse 'conjunto multifacetado de coisas, que certamente não é homogêneo e se encontra atravessado por inúmeras fraturas e clivagens, por contradições e tensões as mais variadas, forma o que podemos chamar a cena da poesia brasileira contemporânea', a crítica contemporânea se faz? Que espécies de desafios se impõem ao crítico que se propõe a vasculhar essas poéticas do presente? E como lidar com elas?

GSR – Os desafios da crítica de poesia têm sempre o tamanho e a complexidade da melhor produção poética do seu tempo. No caso brasileiro do presente, esses desafios passam também pelas mudanças dentro do próprio território da crítica – seu lugar ainda mais instável entre os demais discursos sociais, o fechamento de alguns nichos tradicionais de publicação (os suplementos culturais dos jornais de grande circulação) e a abertura de outros (os blogs e as redes sociais, principalmente), o apequenamento da poesia dentro da especialização universitária, entre outros. Só é possível compreender a dinâmica da crítica de poesia entre nós se passarmos por todos esses elementos, ainda que brevemente, tendo em conta a importância que têm na configuração da comunidade de leitura que é o da crítica. Uma outra questão importante a considerar – e que no espaço de uma entrevista não é possível situar com todo cuidado e justeza – é o desdobramento histórico de certos conceitos e polêmicas no interior da crítica de poesia no Brasil, conceitos e polêmicas que aqui não podem ser entendidas como caprichos ou mal-entendidos, mas expressão clara de lutas ideológicas, mercadológicas e culturais, lutas que dão conta tanto da diversidade das poéticas que entre nós se desenvolveram quanto das estruturas de poder que se fixaram no território das Letras, dentro e fora da Universidade

– uma das sedes fundamentais do debate no que ele teve e tem de melhor e pior no país. Os modos de ler o presente mais azedos do nosso tempo têm quase sempre a ver com esse conjunto de coisas: há entre nós, desde décadas atrás, um universo de expectativas acerca do que venha a ser o lugar e a função da literatura, o que implica, claro, num certo número de pressupostos formais: trata-se de um fenômeno ainda não completamente descrito criticamente, mas que já tem, quem sabe?, os seus tópicos principais apresentados. O português Abel Barros Baptista, por exemplo, num conjunto de ensaios sobre literatura brasileira publicados no volume *O livro agreste* (UNICAMP, 2005) chamou atenção para o fato de que certos elementos literários e culturais provenientes do Modernismo de São Paulo (cuja irradiação se deu a partir da obra tanto de **Oswald** quanto de **Mário de Andrade**, com ênfase neste último, e que passou pela leitura fundadora – em mais de um sentido – da geração da revista *Clima*) se transformaram em paradigma de leitura e validação de todo o conjunto da produção literária do país. Aquilo que Baptista nomeou "teoria da literatura brasileira" teria, portanto, marcado decisivamente o quê se escolheu ler dentro do corpo geral dos textos produzidos e o modo de efetivação dessas leituras: o imenso valor do nacional-popular, da experimentação vanguardista ligada ao conhecimento do país, e de uma certa tradição retórico-discursiva, para nomear apenas alguns elementos desse arcabouço nem sempre consciente ou declarado de conceitos-críticos, construíram uma espécie de tábua fixa de valores em torno da qual autores foram sistematicamente lidos e interpretados, num movimento circular e retroalimentado que passou também pela exclusão de projetos literários, escritores e poéticas, muitas das quais ou não foram sequer consideradas ou só muito mais tarde passaram a receber alguma atenção. Esse quadro crítico e teórico persiste em parte nosso tempo, ainda que muitos dos seus elementos de estrutura tenham sido abalados; e ele ajuda a compreender, sem no entanto explicar completamente, a resistência e a má-vontade de certa parcela da crítica (jornalística e universitária) com a poesia contemporânea: esperando encontrar as injunções formais e os circuitos ideológicos do alto modernismo (cuja matriz, repito, é a vertente paulista e suas ramificações país afora) na poesia produzida nos últimos anos, essa parcela da crítica julga em bloco a cena (fazendo as exceções de praxe, que apenas confirmam o *modus operandi* de leitura), assinalando a sua (suposta) pobreza, falta de consistência com um projeto poético que se ligue a um projeto de nação, excesso de ornamentos e negatividades, o seu furor pós-moderno etc. O apego quase circular a algumas tradições poéticas modernas passa por aí também, e em parte igualmente ajuda a compreender a resistência de certa crítica em relação ao contemporâneo: aquilo que não se liga a desdobramentos de **Drummond** ou **Cabral**, por exemplo, ou não dialoga com o legado utópico ou pós-utópico

da **Poesia Concreta**, parece não se afirmar como poética possível ou válida, restando como experiência fracassada e/ou 'retradicionalização frívola', recuo a instâncias pré-modernas da literatura feita no Brasil, etc. A leitura não se dá, a recusa é o grande elemento discursivo aqui: a avaliação abre mão do corpo e a corpo com os poemas e poéticas, aferrando-se a julgamentos teleológicos sobre autores de preferência (que ecoam os pressupostos elegidos) ou sobre o restante da cena, assim considerada descartável e menor.
Feita essa ressalva, que em parte procura responder diretamente ao diagnóstico negativo que em certos nichos se percebe diante da poesia contemporânea, gostaria de me deter sobre aquilo que considero a parcela mais interessante, viva e teoricamente informada da crítica de poesia praticada entre nós hoje. Ela é responsável, em parte, pela riqueza do momento poético vivido, uma vez que não é possível desligar completamente a produção de poesia da sua reflexão: autores e críticos, mesmo que haja intervalos e ruídos, estão ligados na construção da cena, em trânsitos que constroem o panorama de modo tantas vezes imperceptível, mas sempre decisivo. Se um diagnóstico corrente e que é seguro citar como dado circulante nas reflexões encetadas sobre a poesia presente do Brasil tem a ver com a "pluralidade de poéticas possíveis", seria interessante dizer, em contrapartida, que essa pluralidade de poéticas se dá a ver no tecido da crítica na multiplicidade de abordagens e projetos de leitura. Para pensar o conjunto da produção, de fato inabordável, procuro sínteses e tendências, descrevendo as que seguem : **a)** há os críticos que lêem a produção tendo os olhos voltados para a História e o Cânone, procurando considerar, naquilo que circula entre nós agora, os ecos e projetos que, se ainda não foram devidamente considerados como parte da narrativa hegemônica da literatura brasileira, deveriam ser: aqui se poderia pensar no esforço que muitos pesquisadores têm feito em compilar, publicar e estudar comparativamente a produção de nomes como Ana Cristina César, Waly Salomão, **Orides Fontela** e **Hilda Hilst**, entre outros, observando como as suas vozes, pouco ouvidas em seu próprio tempo, integram de modo decisivo a paisagem poética dos nossos dias, merecendo, por isso, integrar o corpo daquilo que se chamará a tradição. **b)** há os que têm procurado pensar o que resta entre nós, no sangue que circula agora, da vanguarda e dos projetos vanguardistas do século XX: é o caso dos que trabalham o lugar mesmo do conceito de vanguarda e dos seus atores fundamentais, em especial os que se ligaram aos projetos da poesia visual, suas múltiplas matrizes; de novo, se trata de considerar que a leitura que tais críticos fazem do presente parte muitas vezes de um viés comparatista e histórico, capaz de ler com intensidade tanto o passado quanto aquilo que, no presente, é resposta, resistência ou desdobramento de poéticas e projetos que não se esgotaram, arrojados em circuitos de longa duração. **c)** há os que têm

procurado dar visibilidade à ecologia poética do seu tempo, ao mesmo tempo inventariando largamente a produção contemporânea e abrindo espaço para a sua publicação, num lance que não só tem a ver com a noção geral de arquivo: críticos e coletivos críticos que assim procedem (me refiro aqui a projetos como os das revistas *Modo de usar & co.*, e esta mesma *Escamandro*, entre outros veículos eletrônicos editados não à toa por poetas) fazem conviver, lado a lado, percursos criativos muito diversos, poéticas ainda em desenvolvimento com vozes já assentadas, versos de corte experimental e elaborações afeitas à tradição poética, tudo de mistura e em coabitação e disputa num mesmo território; tal procedimento, se observado de perto, dá a ver a reinvindicação de uma prática de leitura aberta à diversidade das poéticas possíveis e refém, por outro lado, dessa mesma diversidade, pois nem sempre o elemento fundamental da leitura reflexiva (a crise, o deslocamento, o abalo) consegue se fazer presente e fundamental numa operação que tem como objetivo também (mas não somente) inventariar e abrigar a produção múltipla do próprio tempo. **d)** há, ainda, todo um conjunto de leituras que tem procurado desdobrar a cena em tela, isto é, abrir-se seletivamente a vários tipos de poéticas e fazê-las falar, levando-as ao limite de suas possibilidades, desdobrando-as tanto afetiva quanto intelectualmente, num movimento que vem produzindo alguns dos exercícios de leitura mais instigantes de que tenho notícia. Críticos de certa maturidade e rodagem relativa se misturam aqui, nessa comunidade possível, a jovens leitores que publicam seus textos ao longo da internet: ambos, sem privilégio geracional ou ênfase temporal de qualquer natureza, tem procedido assim interessados, é o que me parece, na riqueza da cena e nos muitos desafios que ela propõe: sem renunciar a um projeto de leitura mais claro e consciente (as escolhas e insistências de cada crítico podem revelar alguns dos elementos coerentes e assertivos dessas leituras), eles se mantém no entanto abertos ao inesperado e ao novo das poéticas que se apresentam, muitas vezes armados com um repertório teórico igualmente contemporâneo, ligado não só às grandes leituras e conceitos do passado (do século XX modernista em particular), mas atento também às passagens do pensamento por terrenos diversos como a questão dos gêneros (poéticos e sexuais), às transformações na paisagem subjetiva (as formas distintas da interioridade e das configurações do eu), às linguagens tecnológicas e suas possibilidades (também seus limites) e às expansões continuadas do próprio terreno da lírica e da literatura.

Todas essas inserções potenciais no campo configuram-se como respostas possíveis aos desafios complexos impostos por uma cena igualmente complexa. A observação das práticas ajuda a entender como a crítica atua e como, quem sabe, poderia atuar. Não há, no entanto, nenhum gesto normativo ou prescritivo que substitua a curiosidade pelo que está sendo feito e a abertura (não ingênua

ou acrítica) aos procedimentos de ruptura e continuidade que se esboçam sob os nossos olhos. Essa ainda é, somada a uma formação ampla e a um repertório de leituras não-restritas a uma língua, panteão nacional ou época, talvez, a atitude da melhor crítica de poesia.

SM – O poeta Ismar Tirelli Neto fez, muito recentemente, uma pergunta que parece fundamental: O que você espera de um poema? Pensando nesses modos de leitura da crítica que você acabou de citar, repito a pergunta aqui a você e ainda a faço, novamente, com uma leve modificação: O que você espera de um poema escrito agora?

GSR Ao longo do tempo, já se esperou coisas muito específicas de um poema. Que pudesse ensinar, deleitar ou comover em medidas justas, por exemplo. Que repetisse os mestres do passado sem lhes fazer sombra, somando-se a eles; que imprimisse no mundo a presença (a voz, o destino) individual daquele que o recebe e dita – receptáculo do cosmos; que tornasse os sons e palavras da tribo mais puras; que surpreendesse o leitor, renovasse a linguagem, desafiasse as convenções e modos da sensibilidade e do poder; que fosse um exercício requintado ou brutal do pensamento, enfim. Tudo isso, todas as definições acerca do que é e do que faz um poema implicaram, a cada diferente época e perspectiva, em diferentes expectativas e exigências. Cada uma delas, atada inescapavelmente ao circuito histórico e ideológico que a constitui, é válida e atual a seu modo, trazendo à tona elementos (mesmo mínimos) que parecem importantes para a leitura da poesia hoje, seu modo particular de produzir sentido. No entanto, dizer isso é não dizer nada concretamente. Pois não se trata aqui de resgatar práticas e conceitos, dando ao poema sempre e tão somente um tratamento genealógico, cultural e historicamente determinado. Acredito, talvez de modo algo inconsequente do ponto de vista teórico, que há algo de incomum que atravessa a poesia ao longo do tempo e das línguas, dos sistemas de circulação e valor que a viram nascer e tomar corpo numa dada sociedade: há algo sempre de encanto e perturbação nela que persiste, tornando-se uma espécie de resto, de mais-valia que garante o dado extra-discursivo (aquilo que faz a poesia não esgotar-se na frequentação a um tema ou dogma, por exemplo, apontando sempre para um além-de-si) que a caracteriza. Nesse sentido, o que esperar de um poema agora, escrito hoje, imerso nisso que, na falta de um termo mais exato, chamamos o 'contemporâneo'? E ainda mais no país em que vivemos, o Brasil, símile do abismo – ameaça e fascínio, em iguais medidas? Esperar que dialogue com os incontornáveis da nossa época (a sociedade do espetáculo, o esgotamento da natureza, a ausência quase absoluta de limites para o capital, sua dominação sem limites)? Que seja contra-discurso, via de

desestabilização da comunicação e dos saberes enrijecidos, que seja sempre língua menor e de combate, fala infinita e desviante como, por exemplo, em **Stela do Patrocínio**? Que possa ser novamente música e corporalidade, que retorne às suas origens supostas e se reinvente como um gesto de repetição em diferença, de abandono e expansão do espaço da escrita? Que recuse, ou talvez os abrace e repercuta, os gestos tradicionais, os ritmos usuais, os metros e imagens fornecidos pelo passado? Todas essas demandas e esperanças acerca da poesia e do poema hoje se misturam, se imiscuem ao ato mesmo da leitura (da contemplação, da audição). Nenhuma delas, no entanto, pode circunscrever o que é ou deve ser um bom poema, um poema pelo qual se anseia, que se faz necessário e comum (mesmo que surpreendente). Não podendo ou não sendo capaz de definir, portanto, aquilo que é o artefato poético contemporâneo, espero dele, nas suas múltiplas e incontroláveis formas, que persista naquilo que talvez desde sempre foram as suas potencialidades: o encanto e a perturbação, que às vezes se dão a ver separadas, tantas outras conjuntamente, confundidas. Espero, assim – sempre que abro um novo livro de poesia, ou que me preparo para entender poeticamente as inscrições que recobrem a pele da cidade (o pixo, o grafite, a *street art*), ou ainda me vejo diante das canções, performances e vocalizações da palavra poética – que o poema possa encantar (suspender, seduzir, submeter) os sentidos, confundindo-se com os movimentos do próprio corpo, criando assim uma espécie de afinação profunda entre as coisas e os seres; ou, por outra, que o poema possa perturbar a inteligência, deslocar aquilo que é percepção cega da própria linguagem, por em crise certezas e atitudes estabilizadas, desconsolo.

ÍN DI CE

7 **música mínima** (como um prefácio)

LADO
(A)

11 Introdução à arte das montanhas | LEONARDO FRÓES (1941)
12 Massa estelar | LU MENEZES (1948)
13 Pós | PAULO HENRIQUES BRITTO (1951)
14 Thereza | GUILHERME ZARVOS (1957)
16 Imagens do mundo flutuante | JOSELY VIANNA BAPTISTA (1957)
17 Eu, intimo-me | AGE DE CARVALHO (1958)
18 O poemanto | RICARDO ALEIXO (1960)
27 Sermão da descendência | NUNO RAMOS (1960)
28 Garota com xilofone e flores na Telegraph Av. | CARLITO AZEVEDO (1961)
30 Minima Moralia | LEILA DANZIGER (1962)
31 a mão | CLAUDIA ROQUETTE-PINTO (1963)
32 Os adultos | EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA (1963)
33 A dor não é diferente da palavra | MARCOS SISCAR (1964)
34 Enigma figurado | LUCI COLLIN (1964)
35 É preciso aprender a ficar submerso | ALBERTO PUCHEU (1966)
37 Bombardeio ou terremoto? | FABIO WEINTRAUB (1967)
38 Os nomes feridos | PÁDUA FERNANDES (1971)

41 a memória | MICHELINY VERUNSCHK (1972)
43 Sereia a sério | ANGÉLICA FREITAS (1973)
45 Jogo | EDUARDO STERZI (1973)
46 Santa Cecília by night | FABIANO CALIXTO (1973)
47 não se aproxime | ANNITA COSTA MALUFE (1975)
48 PseudoCavalcanti | DIRCEU VILLA (1975)
49 a casa hospeda sombras | PRISCA AGUSTONI (1975)
50 a cada dia um novo bicho | TARSO DE MELO (1976)
51 O que eu levo nos bolsos | ANA MARTINS MARQUES (1977)
52 O que o poeta deseja ao namorado no dia do seu aniversário | RICARDO DOMENECK (1977)
54 talvez vá embora com a nuvem a luz que estoura | LAURA ERBER (1979)
55 Treva alvorada | MARIANA IANELLI (1979)
56 Noite americana | MARÍLIA GARCIA (1979)
59 ser mínima | MÔNICA DE AQUINO (1979)
60 ainda consigo escutar a máxima que cambaleia sobre a terra bêbada | ÉRICA ZÍNGANO (1980)
62 o elefante | ADELAIDE IVÁNOVA (1982)
63 Este meu corpo | GUILHERME GONTIJO FLORES (1984)
65 Despertar de luz reencontrada | JÚLIA DE CARVALHO HANSEN (1984)
67 Cavalo | REUBEN DA ROCHA [CAVALODADA] (1984)
68 Noir | RITA ISADORA PESSOA (1984)
70 hum poeta ñ se faz com versos | RODRIGO LOBO (1985)
71 Uma dose de serotonina | ÍTALO DIBLASI (1988)
73 A quente manhã de janeiro | WILLIAM ZEYTOUNLIAN (1988)
77 Mucosa | LIV LAGERBLAD (1989)

LADO
(B)

79 Signo da anatomia | PÁDUA FERNANDES
81 Oração a Quetzalcóatl | ÍTALO DIBLASI
82 Quisera-me normal | GUILHERME ZARVOS
83 Modigliana | FABIANO CALIXTO
84 Sansão foi homem bomba tb | REUBEN DA ROCHA [CAVALODADA]
85 querida 01 noite | RODRIGO LOBO
86 as cartas | LAURA ERBER

87 Separatismo | RICARDO DOMENECK
89 depois de dias líquidos | LIV LAGERBLAD
92 Pra lá dos 70 | GUILHERME ZARVOS
93 Supernova | RITA ISADORA PESSOA
95 Profissão | LUCI COLLIN
97 Vento | CARLITO AZEVEDO
98 O brinco | ANA MARTINS MARQUES
100 o bom animal | ADELAIDE IVÁNOVA
102 rasgos | MÔNICA DE AQUINO
103 Epitalâmio | AGE DE CARVALHO
105 costuro paisagens intrusas | ANNITA COSTA MALUFE
107 Matinal | PAULO HENRIQUES BRITTO
108 Bispo do Rosário | RICARDO ALEIXO
109 A bicicleta | MICHELINY VERUNSCHK
110 A garota de Belfast ordena alfabeticamente *A teus pés* | MARÍLIA GARCIA
112 câmara de gelo | ÉRICA ZÍNGANO
113 Qvasi | EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA
117 guirá ñandu | JOSELY VIANNA BAPTISTA
119 em minha boca ele | RICARDO DOMENECK
120 agora os dois vultos se dissolvem sobre fundo transparente | LAURA ERBER
121 Penélope urgente | MÔNICA DE AQUINO
122 Tombeau | GUILHERME GONTIJO FLORES
123 Armênia | WILLIAM ZEYTOUNLIAN
124 Destroços | LEILA DANZIGER
126 A caminho do campo de Westerbork | MARIANA IANELLI
127 H. | CARLITO AZEVEDO
129 A vocês | AGE DE CARVALHO
130 As mortes de Oscar | TARSO DE MELO
131 Casa de detenção | EDUARDO STERZI
132 Tudo | FABIO WEINTRAUB
134 quando você viu na tv | ANGÉLICA FREITAS
135 Linhas de navegação | LU MENEZES
136 Rosa púrpura do Cairo | FABIO WEINTRAUB
138 FALANDO POR SI, POR SI MSM, OS SEUS | REUBEN DA ROCHA [CAVALODADA]
139 A filosofia convence Boécio | DIRCEU VILLA
140 Poema para ser lido na posse do presidente | ALBERTO PUCHEU
144 The multitudinous seas incarnadine | GUILHERME GONTIJO FLORES
146 1964: poema-Wikipedia | RODRIGO LOBO
147 Máquina zero | RICARDO ALEIXO

149 Passo a manhã calculando a provável altura de um *tsunami* | JÚLIA DE CARVALHO HANSEN
150 A lagoa dos olhares | LEONARDO FRÓES
151 A canção do vendedor de pipocas | FABIANO CALIXTO
153 Em Sarajevo | CLAUDIA ROQUETTE-PINTO
154 Alta madrugada, violaram o segredo da fechadura | PRISCA AGUSTONI
155 A mulher é uma construção | ANGÉLICA FREITAS
157 Mimimi | ADELAIDE IVÁNOVA
162 Um manifesto, nem isso | ÍTALO DIBLASI
164 Depois que ovos e sóis se abriram | NUNO RAMOS
170 Carbono | TARSO DE MELO
172 Tenho uma árvore em meu peito | MARCOS SISCAR
173 Diáspora | WILLIAM ZEYTOUNLIAN
175 Galápagos | RITA ISADORA PESSOA
177 Cena muda | LUCI COLLIN
178 Apesar de tudo, o impossível | ALBERTO PUCHEU
180 O observador observado | LEONARDO FRÓES
181 criar raízes é o mesmo que fazer órbitas | JÚLIA DE CARVALHO HANSEN
182 Ostro | JOSELY VIANNA BAPTISTA
184 Estrelas de outros países | ANNITA COSTA MALUFE
186 Em memória de Hilda Hilst | MARIANA IANELLI
188 No túmulo (honorário) de Dante | EDUARDO STERZI
189 Biodiversidade | PAULO HENRIQUES BRITTO
190 Há uma lagoa de palavras | NUNO RAMOS
191 Escafandro para Narciso | LU MENEZES
192 Os alicerces estão cravados em barro | LIV LAGERBLAD
193 respira-se debaixo d'água | PRISCA AGUSTONI
194 Arrecife | MICHELINY VERUNSCHK
196 História da gravidade | MARCOS SISCAR
197 desprego as estrelas | CLAUDIA ROQUETTE-PINTO
198 Desejo apenas o que há de mais inútil | LEILA DANZIGER
200 Les hommes-bêtes | EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA
202 Mesa | ANA MARTINS MARQUES
203 Coisas que se quebram | DIRCEU VILLA
204 eau de paris | ÉRICA ZÍNGANO
205 Paris não tem centro | MARÍLIA GARCIA

208 **posfácio** (uma conversa entre Sergio e Gustavo)